

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Curso de Graduação em Letras – Tradução Inglês

ROGER NUNES SOUZA

***“THE CUCKOO’S CALLING” E A
TRADUSUBJETIVIDADE DE
UM BEST SELLER***

Brasília – DF

2016

ROGER NUNES SOUZA

***“THE CUCKOO’S CALLING” E A
TRADUSUBJETIVIDADE DE
UM *BEST SELLER****

Trabalho de Conclusão apresentado para
obtenção do título de Bacharel em Tradução
na Universidade de Brasília do Curso Superior
de Letras – Tradução.

Área de Concentração: Tradução.

Orientadora: Soraya Ferreira Alves

Brasília – DF

2016

Resumo

Baseado nas discussões acerca da tradução de obras reconhecidas como *best sellers* e no conceito de subjetividade abordado por Émile Benveniste em sua Teoria da Enunciação e aplicado por estudiosos da tradução como Meschonic, o presente trabalho debruça-se sobre a obra *The Cuckoo's Calling* (2013) e propõe uma análise sobre o chamado '*best seller*' e da tradução desta obra, que foi publicada no Brasil também no ano de 2013, mostrando como uma tradução é passível da subjetividade de seu tradutor. A partir daí, uma tradução do mesmo texto é proposta neste trabalho que busca mostrar o fato de um mesmo texto, ainda que tão bem acolhido pelo público, possa gerar inúmeras traduções e construções. O objetivo principal não é comparar as duas traduções quanto à qualidade do trabalho feito por seus tradutores, mas sim, mostrar como a subjetividade na tradução funciona na prática, independentemente do texto que é traduzido, seja ele um clássico, um *best seller* ou até mesmo um texto técnico.

Palavras-chave: *The Cuckoo's Calling*; Tradução; *Best Seller*; Subjetividade.

Abstract

Based on discussions about the translation of books recognized as best sellers and the concept of subjectivity approached by Émile Benveniste in his Theory of Enunciation and also applied by Meschonic, this work focuses on the book "The Cuckoo's Calling" (2013) and proposes an analysis of the so-called 'best seller' and of the translation published in Brazil in 2013, showing how a translation is influenced by the subjectivity of the translator. Then, a translation of the same text is proposed in this paper to show that a text, even though well praised by the audience, can generate numerous translations and constructions. The main goal is not to compare the two translations concerning the quality of the work done by the translators, but to show how subjectivity in translation works in practice, regardless of the text that is translated, be it a classic, a bestseller or even a technical one.

Key-words: *The Cuckoo's Calling*; Translation; *Best Seller*; Subjectivity.

Sumário

Introdução.....	6
Metodologia.....	6
1. O Pseudônimo de J. K. Rowling.....	7
2. A Obra.....	7
3. A Tradução de <i>Best Seller</i>	10
4. A Tradução Publicada.....	11
5. A Subjetividade na Tradução.....	13
6. As Propostas de Tradução e a Subjetividade.....	15
7. Relatório da Tradução Proposta.....	19
Conclusão.....	26
Referências Bibliográficas.....	27
Anexo: Tradução.....	28

Introdução

O presente trabalho, influenciado pela teoria de Émile Benveniste (1958) sobre a enunciação e pelo trabalho de tradução de obras designadas como *best sellers*, busca discutir a tradução de obras aclamadas pelo público e como funciona a ferramenta da subjetividade do tradutor na prática da tradução.

A obra escolhida para este trabalho foi o romance policial “*The Cuckoo’s Calling*” que, juntamente com sua tradução para o Brasil, “*O Chamado do Cuco*”, puderam servir de material para posterior análise e discussão. Uma nova tradução foi sugerida para que pudesse evidenciar o trabalho feito por ambos os tradutores e como cada um lidou com o texto. Independente de juízo de valor acerca das traduções, o trabalho de análise de ambas percorreu dados oferecidos pelas próprias traduções a fim de demonstrar como a subjetividade está presente nas diferentes traduções, mesmo quando partem de um texto cujas especificidades são bem demarcadas.

Metodologia

O desenvolvimento do presente trabalho se deu a partir da análise e estudo a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, bem como da discussão acerca dos textos caracterizados como *best seller*. A partir disto, uma análise da tradução publicada no Brasil de “*The Cuckoo’s Calling*” foi feita, em busca de perceber as nuances e estratégias da mesma.

Baseado no referencial teórico e no trabalho de tradução analisado, o trabalho de uma nova tradução se iniciou, propondo não só uma nova enunciação, mas também, uma discussão sobre a subjetividade na tradução a partir do momento em que ambas as traduções são levadas em consideração.

A metodologia empregada na proposta de tradução procurou manter a fluidez da leitura do texto original, mesclando a estrutura da língua inglesa que é marcada por pequenas frases, com a estrutura da língua portuguesa que recorrentemente possui frases maiores, com menos pontos finais e mais vírgulas, por exemplo. Pensando em palavras e construções naturais na língua portuguesa, que fossem comunicáveis para seus leitores, assim como a manutenção de nomes de localidades e dos personagens por uma

questão de representação, a tradução proposta neste trabalho buscou alcançar os parâmetros que tornam uma obra bem aceita pelo público.

1. O Pseudônimo de J. K. Rowling

J. K. Rowling é uma escritora britânica, que ficou famosa mundialmente após lançar o livro *Harry Potter and the Philosopher's Stone* (1997) e seus seis livros seguintes. Rowling nasceu no dia 31 de julho de 1965, em Yate, na Inglaterra. Após lançar toda a série Harry Potter, lançou outros três pequenos livros relacionados ao tema. Em 2012 lançou o livro *The Casual Vacancy* que, diferentemente das publicações anteriores, possui uma temática mais adulta. Em 2013, sob o pseudônimo de Robert Galbraith, lançou o livro *The Cuckoo's Calling*, obra que aborda a história de uma investigação acerca da morte de uma modelo.

Segundo informações da própria autora, contidas no site oficial de seu pseudônimo, escrever uma obra de ficção como *The Cuckoo's Calling* sempre foi um desejo e, portanto, resolveu escrever o livro e publicá-lo com um pseudônimo para não criar expectativas da imprensa e dos leitores.

Robert Galbraith, de acordo com informações fictícias do próprio livro *The Cuckoo's Calling*, passou vários anos trabalhando na *Royal Military Police*, e a inspiração para desenvolver o personagem principal da obra veio através das experiências que o próprio Galbraith ou seus amigos viveram.

2. A Obra

Em *The Cuckoo's Calling*, J. K. Rowling traz uma narrativa muito diferente da que construiu em no *best seller Harry Potter*. Esse novo livro é um romance policial. Embora a estrutura da escrita ainda seja a mesma, seguindo as características da autora, a maneira que escolhe para apresentar e construir os personagens e a história é muito diferente do que já se conhece de suas obras, uma vez que se trata de outro gênero literário.

A obra, lançada em 2013, aborda a morte da modelo internacionalmente conhecida Lula Landry após cair da sacada. A modelo, que já tinha um histórico de uso

de drogas e um relacionamento conturbado, logo foi tida como deprimida pelos investigadores de polícia e o caso foi encerrado afirmando-se que a jovem havia se suicidado. Contudo, seu irmão adotivo não se satisfaz com as investigações da polícia e, então, procura o detetive particular Cormoran Strike, para conduzir uma investigação e descobrisse o assassino da modelo.

A partir do trabalho de investigação de Strike, juntamente com sua funcionária temporária Robyn, a narrativa da obra se desenvolve. Ao longo da história, o detetive entrevista inúmeras pessoas ligadas à modelo, para assim tentar entender seus últimos passos e o que, possivelmente, poderia tê-la levado a se suicidar, ou se havia alguém à sua volta que tivesse algum motivo para assassiná-la. Contudo, a obra não se restringe apenas às entrevistas e descobertas do detetive, mas também, à vida pessoal do investigador e seu relacionamento conturbado com a namorada e à vida pessoal da assistente Robyn e seu noivo.

Uma das características marcantes das obras de J. K. Rowling é a extensa quantidade de descrições e caracterização dos cenários, dos personagens e de suas ações, detalhando aspectos físicos, uma maneira que a autora encontra para enriquecer sua narrativa. Porém, quando falamos em romance policial, tudo aquilo que é descrito pode ser parte do mistério envolvido.

Por ser um romance escrito em língua inglesa, a narrativa de J. K. Rowling segue o modelo de escrita normalmente adotado pelos ingleses que, segundo Robert Kaplan, em sua teoria "*Rhetorical Patterns*", é uma escrita muito objetiva, que possui começo, meio e fim. Esse modelo de escrita que Kaplan defende pode ser encontrado no livro "*Language Learning*" (1966), e o modelo é influenciado pelo modo de pensar de uma língua e conseqüentemente está ligado à cultura, uma vez que língua é cultura.

Robert Kaplan afirma que o modelo de escrita em inglês é diferente do modelo que os brasileiros normalmente utilizam em português, que é o modelo japonês de escrita, e que se constitui de uma escrita em círculos, que circula sempre em um mesmo ponto e retoma conceitos anteriores para explicar os conceitos presentes. Esse modelo utiliza excessivamente de vírgulas e conectivos para explicar informações anteriores.

O fato da escrita em inglês ser mais direta e não utilizar informações anteriores para construir um texto, faz com que as frases sejam mais curtas, uma vez que as informações são mais diretas. Assim se constitui a escrita na obra, com frases curtas e uso intenso de pontos finais.

Dessa forma, com frases curtas descritivas que permeiam as vidas particulares

do investigador e de sua assistente e pela investigação propriamente dita, o *best seller* é composto, trazendo assim um grande mistério a ser desvendado pelos leitores da obra.

3. A Tradução de *Best Seller*

Após vender milhões de obras ao redor do mundo com seus mais de dez livros já lançados, a autora J. K. Rowling manteve o mesmo sucesso ao lançar, fazendo uso de um pseudônimo, um romance policial atual que envolve o mundo da fama e do jornalismo.

A ideia de um *best seller* parte do princípio de uma obra “acessível” à grande massa de leitores. Isto é, obras com linguagem clara e de fácil compreensão, com uma temática interessante do ponto de vista comercial e que prenda a atenção de leitores comuns, jovens, pessoas que leem no transporte coletivo, etc.

Para Sodré (1988), há dois tipos de literatura: a culta e a de massa. De acordo com ele, a literatura de massa é a manifestação de um discurso específico. A produção e o consumo deste tipo de literatura partem do jogo da oferta e da procura, ou seja, do mercado consumidor. Na literatura de massa, ou nos *best sellers*,

o que importa mesmo são os conteúdos fabulativos (e, portanto, a intriga com sua estrutura clássica de princípio-tensão, clímax, desfecho e catarse), destinados a mobilizar a consciência do leitor, exasperando a sua sensibilidade. É o mercado, e não a escola, que preside às condições de produção do texto. (SODRÉ, 1988, p.16).

Acessível é a palavra, portanto, que melhor descreve os chamados *best sellers*; afinal, os personagens sempre remetem à alguém que os leitores conhecem, a linguagem é neutra, isto é, há pouco rebuscamento ou diferentes sotaques, por exemplo. É possível perceber que este tipo de obra busca sempre se construir através da ideia de uma cultura “global”, ou seja, não há muita marcação ideológica-cultural acerca de determinada ideia, mas geralmente, lugares e culturas ocidentais que já são constantemente divulgadas e utilizadas mundo afora.

O texto de massa mantém visível a sua estrutura através de personagens fortemente caracterizados, de uma abundância de diálogos (capazes de permitir uma adesão mais intensa do leitor à trama) e de uma exploração sistemática da curiosidade do público (SODRÉ, 1988, p.17).

Baseado geralmente nas vendas de livros dos Estados Unidos e Europa, os dois maiores centros econômico-culturais do mundo, e também na crítica empregada às obras nessas duas regiões do planeta, o interesse das editoras sobre determinada obra cresce mundo afora. Afinal, o trabalho de captação dos direitos autorais das obras e do processo tradutório de determinado livro requer muito tempo, dedicação e dinheiro e, portanto, as editoras não podem apostar publicar livros estrangeiros que não sejam bem vendidos ou recebidos pela crítica em seu país ou continente de origem.

Como os *best sellers* possuem uma fórmula de sucesso, que se baseia em um tema palpável para a sociedade de modo geral, com uma linguagem plana, que não apresente dificuldades ou estranhamentos ao leitor e ainda, a ideia de uma cultura global híbrida onde todos os indivíduos ocidentais conseguem se reconhecer, o mesmo deve ocorrer quando esta obra já tão aclamada pelo público é traduzida para um novo país e uma nova cultura.

A tradução do *best seller* é uma tarefa que requer do tradutor a noção de que o público reconhece como uma boa tradução, aquela que não pareça uma tradução. Quando falamos de tradução de *best seller*, cujo intuito é estritamente comercial, é necessário levar em consideração que por muitas vezes os leitores não têm a percepção de que o autor da obra não fala a língua daqueles leitores e de que a obra, na verdade, foi escrita em outra língua. Venutti (1998) critica essa ilusão que as traduções deste tipo de obra, com cunho estritamente comercial, dão aos leitores e que ao mesmo tempo homogeneízam o texto original quando este é traduzido,:

A ilusão de transparência é um efeito do discurso fluente, do esforço do tradutor em garantir uma fácil legibilidade através da adesão ao uso corrente, da manutenção de uma sintaxe contínua, da fixação de um significado preciso. O que, nesse aspecto, é realmente extraordinário é que esse efeito ilusório esconde as inúmeras condições sob as quais a tradução é feita, a começar pela crucial intervenção do tradutor no texto estrangeiro. Quanto mais fluente a tradução, mais invisível o tradutor, e, presumivelmente, mais visível o escritor e o significado do texto estrangeiro (1995a: 1-2).

Em seu livro *The Scandals of Translation* (1998), o autor Lawrence Venutti critica uma das características do *best seller* que é dar prazer ao leitor quando este se depara com uma leitura fluente, pois este tipo de obra exige uma tradução que traga conforto para os leitores, dando-lhes a falsa ideia de que aquele texto foi originalmente escrito naquela língua, tornando, assim, a língua original do texto invisível. "Em

traduções fluentes se enfatiza a familiaridade, em fazer a linguagem tão reconhecida que se torna invisível"¹ (VENUTI, 1998, p. 124).

A linguagem da obra traduzida precisa ser reconhecida por seus leitores, sem nenhuma espécie de barreira linguística ou cultural. Deste modo, por vezes, as obras traduzidas buscam se construir através da cultura receptiva daquele trabalho, deixando de lado questões socioculturais da cultura de partida, para que assim o leitor possa se reconhecer na obra.

Nesse sentido, *The Cuckoo's Calling* apresenta-se como um tipo de *best seller* já há muito conhecido dos leitores de romances policiais, como *Sherlock Holmes* (1887), por exemplo. A história de um detetive e sua assistente buscando pistas para solucionar um caso de assassinato é sempre muito bem aceita pelo público, ainda mais uma obra cuja autoria é de uma das maiores escritoras do século XXI. Com um enredo moderno, a fama e os holofotes, a tradução desta obra, bem como seu original, precisa se apegar às pequenas pistas deixadas ao longo do texto, de forma que uma linguagem rebuscada ou muito regional, por exemplo, não descaracterize os personagens e a forma com que a obra é construída.

4. A Tradução Publicada

Publicada no Brasil pela editora Rocco em 2013, a tradução de *The Cuckoo's Calling* foi traduzida por Ryta Vinagre e teve seu título original traduzido por *O Chamado do Cuco* (2013). De modo geral, a tradução cumpre aquilo que se propõe a fazer, comunica e constrói um texto que aproxima seus leitores em língua portuguesa.

Independente de juízo de valor em relação ao trabalho da tradutora da publicação e da editora, o que cabe aqui é uma análise a partir de questões que possam ser discutidas sobre a tradução de um *best seller* nos Estudos da Tradução e como essa análise e posterior discussão podem enriquecer este tipo de produção na academia.

Assim como o texto original é bem fluído e tanto seu enredo quanto a forma como a obra em si é construída são bem familiares para seus leitores, o mesmo ocorre na tradução publicada no Brasil. Extremamente descritiva, bem como no texto original,

¹ Do original: "In fluent translating the emphasis is placed on familiarity, on making the language so recognizable as to be invisible". (VENUTI, 1998, p. 124.) (Tradução minha)

a linearidade do texto não traz grandes dificuldades para quem o lê nem forma, nem conteúdo.

Muito embora os modelos de escrita de língua portuguesa e língua inglesa sejam diferentes, como já discutido anteriormente, a partir da teoria de Robert Kaplan (1966), ainda assim é possível traduzir um texto de língua inglesa para a língua portuguesa sem que se cause estranheza devido às diferentes construções textuais das duas línguas. A tradução publicada, portanto, em vários trechos respeita a pontuação do texto original, sem que cause prejuízo à língua portuguesa. Entretanto, em outros pontos é possível perceber que a tradutora optou por construções e frases maiores, sem tantos usos de pontos finais. De certo modo, esse balanceamento entre frases mais curtas como no texto original e outras frases maiores, substituindo pontos finais por vírgulas, são maneiras de ao mesmo tempo preservar a forma do texto original e, também, criar uma forma que seja mais fluída e mais reconhecível aos leitores de língua portuguesa.

Outra questão importante na tradução de *best sellers* é o fato de como lidar com os diferentes nomes e endereços presentes no texto original. Nomes de ruas, estações de metrô, marcas comerciais e também os próprios nomes dos personagens são parte da forma do texto e é o que torna o texto palpável e mais familiar para os leitores. Nesse ponto, a tradução publicada não modificou o texto em inglês, afinal, traduzir o nome de algum personagem é um fator que pode causar problemas no reconhecimento e popularização deste personagem caso, por exemplo, a obra se torne um trabalho cinematográfico.

Logo no início do livro, há um poema chamado *A Dirge*, que tem relação com o acontecimento da morte da modelo na obra, afinal, fala do *Cuckoo's Calling*, bem como da neve que caía na noite de sua morte. A construção do poema é feita por rimas de modo A-B-C, criando certo ritmo. A tradução publicada, entretanto, não se atentou tanto assim para as rimas, já que apenas algumas estrofes da tradução rimam, diferente do texto original, como no exemplo:

Why were you born when the snow was falling? You should have come to the cuckoo's calling, Or when grapes are green in the cluster, Or, at least, when lithe swallows muster For their far off flying	Por que nasceste com a neve em flocos? Devias vir ao chamado do cuco Ou com as uvas verdes nos cachos Ou quando andorinhas são bandos Em voo para distante Do verão agonizante.
---	--

<p>From summer dying.</p> <p>Why did you die when the lambs were cropping? You should have died at the apples' dropping, When the grasshopper comes to trouble, And the wheat-fields are sodden stubble, And all winds go sighing For sweet things dying.</p> <p style="text-align: center;">Christina G. Rossetti, "A Dirge"</p>	<p>Por que morrer na tosquia dos anhos? Devia ser quando caem os frutos Quando os gafanhotos se inquietam E os trigais molhados se eriçam E velam ventos arfantes Doçuras agonizantes.</p> <p>CHRISTINA G. ROSSETTI, "Um Lamento"</p>
--	--

Seja por uma questão meramente linguística, isto é, a falta de referentes na outra língua que pudessem compor as rimas como no texto original, ou mesmo por uma opção da tradutora por focar no significado das frases e suas representações em relação ao enredo do poema e da obra em si, a tradutora optou por mesclar características da forma original com construções mais familiares da língua portuguesa, o mesmo trabalho ela empregou na tradução deste poema logo no início da obra.

5. Subjetividade na Tradução

A ideia de subjetividade nas teorias linguísticas recebeu destaque principalmente a partir das postulações de Émile Benveniste e sua teoria da Enunciação. Desde "Estrutura das relações de pessoa no verbo" (1946), o trabalho de Benveniste se volta para o sujeito e o fato da linguagem não se dissociar, linguagem esta que, é uma ferramenta carregada de subjetividade, pois, é produzida a partir deste sujeito e que o torna um sujeito único.

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego. Essa subjetividade tratada pelo autor é a capacidade do locutor se propor como sujeito. É a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem (BENVENISTE, 1958, p. 286).

Em "Da Subjetividade na linguagem" (1958), o autor apresenta o indivíduo como um locutor através da língua, e logo após, este locutor utilizando-se de discurso, que por sua vez é empregado de subjetividade, produz a enunciação, ou seja, a

utilização da linguagem de maneira única por um determinado sujeito. Deste modo, o autor apresenta a relação entre linguagem e subjetividade e o fato de uma não ser possível de se dissociar da outra e ainda questiona se, caso fosse possível dissociar linguagem de subjetividade, ainda assim seria possível chamar e classificar tal ferramenta como linguagem (1958).

Baseado nas concepções de Discurso e Enunciação de Benveniste, Henri Meschonnic formulou sua teoria de uma Poética do Traduzir, cujo objetivo era unir a Teoria da Linguagem à Teoria da Literatura. No livro “Poética do Traduzir” (2010), Meschonnic desloca o eixo Língua – Tradução para Discurso – Traduzir, ou seja, traduzir significa enunciar a partir de outra enunciação, reformular um discurso a partir de outro discurso, imprimindo-lhe, assim, subjetividade.

Assim, a noção de subjetividade para Meschonnic parte da ideia do discurso, ou seja, da enunciação ao pensar nos sons das palavras, pois, toda palavra possui ritmo e sonoridade, mesmo se lida em voz baixa ou na cabeça da pessoa, já que o leitor a ouve de alguma maneira. Pensando na sonoridade e ritmo das palavras e a subjetividade empregada na perspectiva de Meschonnic “o discurso supõe um sujeito, inscrito prosódica e ritmicamente na linguagem, sua oralidade, sua física” (MESCHONNIC, 1999, p. 16).

Para Maria Paula Frota (2000), os estudos da Tradução até então mostraram as traduções como “reescrituras” já que os tradutores fazem escolhas baseados em mercados e seus referenciais culturais. Ela ainda afirma que as traduções geralmente ainda são avaliadas pelo público, pela crítica e até mesmo por outros tradutores a partir da lógica binária certo/errado e bom/ruim. Neste ponto ela critica essa lógica binária e acredita que o conhecimento da subjetividade poderia favorecer as traduções.

Mas, nesse cenário, seria sabida a singularidade enquanto um acontecimento de escrita ligado ao desejo inconsciente, ainda que desconhecidos os meandros teóricos e conceituais que ela envolve. Esse saber da singularidade, ao lado do certo e do errado, é que a meu ver favoreceria a produção e a recepção do trabalho do tradutor (FROTA, M. P. 2000, p. 234).

Desta forma, Frota aponta que muito embora a subjetividade na tradução seja um fato inquestionável, ainda assim é passível à lógica binária de bom/ruim. Portanto, a subjetividade dos tradutores é algo que pode ser visto como algo positivo por aqueles que consomem o produto e não como algo negativo e que deve ser mascarado no fazer tradutório.

6. As Propostas de Tradução e a Subjetividade

A partir do entendimento dos princípios da subjetividade e de como ela está intrinsecamente presente na tradução, é possível afirmar que um mesmo texto traduzido por diferentes tradutores, cada um trazendo consigo suas experiências, crenças, preferências, etc, resultaria em diferentes traduções, mesmo partindo de um mesmo texto. Assim, a subjetividade de cada tradutor pode ser apresentada neste trabalho a partir da tradução publicada no Brasil em 2013 e na tradução proposta neste trabalho, uma vez que apesar de partirem do mesmo texto, “*The Cuckoo’s Calling*”, cada tradução apresenta suas peculiaridades.

O maior exemplo de subjetividade do tradutor quando observamos ambas as traduções está no poema “*A Dirge*” logo no início da obra. O texto original possui rimas do tipo A-B-C ao longo de todo o poema, enquanto o poema da tradução publicada no Brasil possui apenas duas rimas no poema todo e o poema da tradução proposta neste trabalho traz rimas em todas as estrofes do poema, não do tipo A-B-C como no original, mas com uma estrutura toda planejada para que a sonoridade que a rima traz não se perdesse.

Tradução Publicada	Tradução Proposta
Por que nasceste com a neve em flocos? Devias vir ao chamado do cuco Ou com as uvas verdes nos cachos Ou quando andorinhas são bandos Em voo para distante Do verão agonizante.	Por que você nasceu quando a neve estava caindo? Para o chamado de cuco você deveria ter vindo, Ou quando no cacho há verdes uvas, Ou, ainda, quando há andorinhas juntas Para seu voo distante Longe do verão fatigante
Por que morrer na tosquia dos anhos? Devia ser quando caem os frutos Quando os gafanhotos se inquietam E os trigais molhados se eriçam E velam ventos arfantes Doçuras agonizantes.	Por que você morreu na época que os cordeiros foram surgindo? Você deveria ter morrido quando as maçãs estavam caindo, Quando para o gafanhoto tudo está complicado, E nos campos de trigo só há restolho molhado Suspirando vento vais

	Por coisas doces que não voltam jamais.
--	---

Muito embora partam do mesmo texto, o exemplo acima demonstra como a subjetividade de um tradutor interfere de forma a produzir diferentes enunciações, sejam essas interferências produzidas por preferências, memórias passadas, etc., o que demonstra que cada tradutor busca a sua maneira solucionar as questões impostas pela tradução de um texto, ou enunciação.

Geralmente, descrições físicas e espaciais são pontos que geram distintas traduções quando comparamos traduções de um mesmo texto. Seja por referentes conceituais dos tradutores, seja por determinada proposta de cada uma das construções textuais, as descrições nos textos costumam resultar em diferentes traduções. O exemplo a seguir, uma leve descrição da personagem encontrada morta, é uma demonstração de como o modo de ver o corpo feminino pode variar de acordo com seu tradutor.

Tradução Publicada	Tradução Proposta
A história ofuscou as notícias de política, guerras e desastres, e cada nova versão faiscava com imagens do rosto impecável da morta, seu corpo magro e esculpido.	A história deixou as notícias de política, guerras e desastres de lado, e cada nova versão surgia com fotos do rosto perfeito da mulher morta, seu corpo flexível e esculpido.

Da mesma forma que a representação do corpo feminino nas traduções pode apresentar inúmeras variedades, o mesmo ocorre com o corpo masculino. Uma explicação para tal diferença quando vemos dois trabalhos de tradução de um mesmo trecho descritivo e representativo de um corpo humano, ou de um ambiente, é pensar na relação criada entre o tradutor e o texto original e como se deu o trabalho de tradução e de produção da obra traduzida, pensando sempre nos referenciais e na criação que partiu dos tradutores, mais do que avaliar o que é certo e o que é errado.

Como Maria Paula Frota postula, é importante nos desprendermos do eixo binário certo/errado e buscar entender o processo tradutório e extremamente subjetivo de cada tradutor, pois, as diferentes visões de mundo e maneiras de suavizar ou enaltecer certos ambientes e características são resultado de inúmeras vivências e enunciações experimentadas.

Tradução Publicada	Tradução Proposta
O reflexo que o fitava não era bonito. Strike tinha a testa alta e protuberante, nariz largo e sobrancelhas grossas de um jovem Beethoven dedicado ao pugilismo, impressão realçada pelo inchaço no olho roxo.	O reflexo encarando-o não era bonito. Strike tinha a testa alta e saliente, nariz largo e sobrancelhas espessas de um jovem Beethoven que tinha feito boxe, uma impressão enaltecida pelo olho inchado e escurecido.

Ao comparar os trechos acima de maneira objetiva e não se atentando ao binarismo certo/errado e bom/ruim, é possível perceber como a tradução proposta neste trabalho apresenta uma solução, digamos, mais sombria em relação à tradução publicada. A tradução publicada apresenta termos mais gerais como, por exemplo, “olho roxo”, enquanto a tradução proposta constrói “olho inchado e escurecido”, o que podemos perceber como o jogo de palavras e construção de ideias pode resultar em uma tradução mais generalizada, ou com certo propósito.

A construção de ideias e a construção textual nas traduções apresentam-se em diferentes esquemas e níveis, sejam estes em nível lexical, cultural, ou até mesmo a níveis de construção textual e, por vezes, mudanças no sistema de escritura de determinada língua ou de formas das sentenças. No trecho a seguir, que trata de uma parte do diálogo entre o investigador e a mãe adotiva da modelo assassinada, o que chama a atenção entre as traduções é o sistema de escritura empregado em cada um deles. A tradução publicada atentou-se para o sinal de travessão (–) que é majoritariamente empregado nos textos de diálogo em língua portuguesa. Por outro lado, a tradução proposta simplesmente manteve o sinal de aspas (“ ”) que é comumente utilizado nos textos de diálogo em língua inglesa, muito embora a tradução tenha sido feita para a língua portuguesa cujo sistema de escrita reconhece muito menos a estrutura utilizada nesta tradução.

Tradução Publicada	Tradução Proposta
– Coisas horríveis sobre John e Charlie. Coisas medonhas. Eu não quero – disse ela com fraqueza – repetir. E ele telefonou para Alec quando soube que estávamos adotando uma garotinha, disse a ele que não devíamos fazer aquilo. Alec ficou furioso – sussurrou ela. – Proibiu que Tony entrasse em nossa casa.	"Coisas horríveis sobre John e Charlie. Coisas terríveis. Eu não...", ela disse fracamente, "quero repeti-las. E então ele ligou para Alec, quando soube que estávamos adotando uma menina, e lhe disse que não devíamos fazer isso. Alec ficou furioso", ela sussurrou. "Ele proibiu Tony em nossa casa."

Traduções publicadas geralmente são submetidas a várias revisões e edições até que o produto final seja comercializado e este é um dos fatores que geralmente tornam as traduções publicadas tão homogêneas e em um paralelo constante com o sistema linguístico ao qual foi traduzido e, desta forma, um sinal de travessão, recorrente na língua portuguesa na apresentação de diálogos, pode ser empregado para que a língua padrão não sofra interferência.

Assim como descrever pessoas e ambientes é algo muito subjetivo na literatura, as traduções de textos que abordam estas questões são, obviamente, influenciadas diretamente pelas diferentes visões de mundo de seus tradutores. Quando se trata de descrever um objeto ou o processo como algo é feito, muito embora a quantidade de termos técnicos e específicos possam ser maiores, ainda assim este tipo de descrição também está sujeito à subjetividade e entendimento dos tradutores. Cores, matérias-primas e métodos podem ser diferentes de acordo com a cultura que aborda aquele determinado termo e são, portanto, tão passíveis à subjetividade quanto as descrições humanas e de ambiente, por exemplo.

O trecho a seguir, repleto de palavras que remetem a matérias-primas e até mesmo com referência a cores, mostra como uma descrição mais técnica pode ser entendida e *reescrita* na tradução de diversas maneiras. Vale ressaltar que as razões para que os dois textos apresentem tal distinção não se deram apenas baseado na forma como o tradutor entendeu aquele trecho do texto, mas também a construção na língua, o processo criativo do tradutor, ou até mesmo uma ideologia mais ou menos explicativa podem tê-los influenciado de forma que cada texto possui sua própria descrição.

Tradução Publicada	Tradução Proposta
<p>Saiu, como descrevera Ciara, uma espécie de lenço com borda de metal, expondo o interior cru do couro branco. Nada era visível por dentro até que, num olhar mais atento, ele viu a linha azul-clara correndo pela lateral da prancha retangular forrada de tecido que dava forma ao fundo da bolsa.</p>	<p>Então o forro saiu, assim como Ciara havia descrito, como um cachecol laminado, expondo o interior áspero do couro branco. Nada era visível dentro até que ele olhou mais de perto, e então viu a linha de azul pálido correndo pelo lado do retângulo rígido coberto de pano segurando a base da forma da bolsa.</p>

Independente da abordagem de cada um dos tradutores, é inegável que as duas traduções, muito embora partam do mesmo texto, são enunciações muito distintas e um ótimo exemplo sobre como a subjetividade está presente nos mínimos detalhes da construção de uma tradução, seja na forma como a estrutura da língua é utilizada, ou no entendimento, por exemplo, das tonalidades de cores e da matéria-prima de determinada de uma bolsa. No exemplo acima é possível perceber que a tradução publicada utilizou-se da cor “azul-clara”, enquanto a tradução proposta construiu o texto com “azul pálido”, o que a princípio pode ser um mero detalhe, mas que em determinadas culturas o tom de azul pode ser um fator determinante e que transforma completamente a perspectiva.

7. Relatório da Tradução Proposta

O título do livro, *The Cuckoo's Calling*, faz referências sobre o som do cuco, do relógio e ao mesmo tempo remete à personagem assassinada que era chamada por alguns amigos de “Cuco”. Essa “Cuco” possuía um irmão de sua família biológica e na noite que ela morreu, ela havia chamado este irmão para ir até seu apartamento. No momento da queda da garota, este irmão chegava em seu apartamento e algumas imagens registraram um homem correndo minutos após a queda da modelo. O título, portanto, faz referência aos dois Cucos. A tradução publicada no Brasil, *O Chamado do Cuco*, remete apenas ao som do relógio, enquanto o apelido da personagem e a referência à sua queda se perderam devido ao uso da preposição “do”. A proposta de tradução deste trabalho, por outro lado, ao propor o uso da preposição “de”, neutraliza os sujeitos, o que pode comunicar para ambas as ideias apontadas pelo título em inglês.

O primeiro desafio ao traduzir “*The Cuckoo's Calling*” surge logo no início da obra ao nos depararmos com o poema “*A Dirge*” de Christina G. Rossetti. O poema, que se apresenta com rimas do tipo A-B-C apresentava este desafio tão comumente discutido nos Estudos da Tradução, que é a tradução de poemas e possíveis soluções para as rimas. Assim, embora a tradução proposta não tenha conseguido alcançar as rimas do tipo A-B-C, devido à dificuldades no léxico da língua para a qual foi traduzida, pelo menos, todas as estrofes foram construídas com rimas, não obedecendo o padrão A-B-C como no poema original, mas, ainda assim obedecendo a existência de rimas.

A questão ao se traduzir poema é pensar não apenas na informação que está

sendo traduzida, mas também na estrutura que muitos poemas carregam, como por exemplo aliteração, rimas, etc. Deste modo, ao traduzir poemas o tradutor se depara com a dificuldade de construir um poema na língua traduzida que comunique aquilo que o poema original se propôs e que, ao mesmo tempo, reproduza a estrutura do original.

<p>Why were you born when the snow was falling? You should have come to the cuckoo's calling, Or when grapes are green in the cluster, Or, at least, when lithe swallows muster For their far off flying From summer dying.</p>	<p>Por que você nasceu quando a neve estava caindo? Para o chamado de cuco você deveria ter vindo, Ou quando no cacho há verdes uvas, Ou, ainda, quando há andorinhas juntas Para seu voo distante Longe do verão fatigante</p>
<p>Why did you die when the lambs were cropping? You should have died at the apples' dropping, When the grasshopper comes to trouble, And the wheat-fields are sodden stubble, And all winds go sighing For sweet things dying.</p>	<p>Por que você morreu na época que os cordeiros foram surgindo? Você deveria ter morrido quando as maçãs estavam caindo, Quando para o gafanhoto tudo está complicado, E nos campos de trigo só há restolho molhado Suspirando vento vais Por coisas doces que não voltam jamais.</p>

A partir do impasse que traduções de poemas geralmente apresentam, esta proposta de tradução buscou, além de comunicar as informações como no poema original, também reconstruir rimas na tradução, acrescentando, assim, um ritmo. Devido ao diferente léxico da língua inglesa e da língua portuguesa, nem todas as rimas da tradução proposta puderam ser no formato A-B-C como no poema original, contudo, todas as estrofes apresentam rimas. Houve estrofes do poema em que a ordem da mesma teve que ser invertida na tradução para que pudesse utilizar palavras com a capacidade de recriar o jogo das rimas, como por exemplo:

<p>Or when grapes are green in the cluster,</p>	<p>Ou quando no cacho há verdes uvas,</p>
---	---

Or, at least, when lithe swallows muster.	Ou, ainda, quando há andorinhas juntas.
---	---

No exemplo acima, a ordem da primeira estrofe foi invertida para que “uvas” rimasse com “juntas” da estrofe seguinte.

Pelo fato de a obra tratar de uma investigação da morte de uma modelo famosa, há muitas informações e palavras ao longo do texto que remetem exatamente a termos e ideias relacionados a crimes e investigações, e é interessante perceber como algumas coisas que vemos frequentemente em filmes, livros e em casos da vida real podem, ainda assim, trazer dificuldade ao traduzir, pelo simples fato de reconhecermos uma imagem criada de uma investigação, mas não sabermos, por exemplo, o nome de determinado objeto utilizado na investigação em si.

Um bom exemplo disso é o saco utilizado para colocar corpos quando estes são retirados das cenas de crimes. Comumente vistos em obras de ficção, dificilmente as pessoas se atentam ao nome, uma vez que é necessário traduzir esta ideia, uma dificuldade se apresenta.

A chilly light filled the interior of the tent. Two men were crouching beside the body, ready to move it, at last, into a body bag.	Uma luz fria iluminou o interior da tenda. Dois homens estavam agachados ao lado do corpo, prontos para movê-lo, finalmente, para um saco apropriado.
---	--

Sem haver uma palavra que expressasse bem a ideia, a opção encontrada para “*a body bag*” foi “*um saco apropriado*”, por ser um termo mais genérico e que não exigisse muito da interpretação ou do conhecimento prévio do leitor.

Outro ponto interessante, ao se tratar de objetos não muito falados pelas pessoas, é a “*casa meteorológica*”, ou em inglês “*weather house*”, que aparece ao longo do texto, fazendo referência aos dois bonecos presentes neste objeto que marca o tempo e que funciona a partir da variação da pressão atmosférica. Nesta casinha meteorológica há dois bonequinhos, o de um menino e de uma menina e quando a pressão atmosférica cai indicando que vai chover, o boneco do menino sai de dentro da casinha, e quando a pressão aumenta o boneco da menina sai de dentro da casinha indicando que o clima será bom. Devido à estratégia deste objeto, os dois bonequinhos nunca saem juntos.

Ao longo do texto há uma alusão à casa meteorológica e a ideia de que os dois

bonequinhos não saem juntos, ao se fazer uma referência às investigações da morte da modelo, pois, afinal, não pode haver mais de um suspeito.

But then, to an almost audible groan of disappointment, the witness was proven to have lied, and she retreated into rehab, and the famous prime suspect emerged, as the man and the lady in a weather-house who can never be outside at the same time.	Mas aí, em um quase audível gemido de decepção, foi provado que a testemunha estava mentindo, e ela voltou para reabilitação, e o primeiro suspeito famoso surgiu, como se fossem o bonequinho e a bonequinha da casa meteorológica que nunca podem aparecer ao mesmo tempo.
--	--

Pelo fato da “*weather-house*”, ou “*casa meteorológica*” não ser algo tão comunicativo para os leitores de língua portuguesa e, pensando na necessidade que os *best-sellers* requerem de um texto legível e comunicativo, neste caso então, foi necessário pensar não apenas na tradução da palavra, mas também na tradução da ideia que isso carrega, utilizando-se da estratégia da explicitação que, como explica Camargo (2007), seria a

tendência geral em explicar e expandir dados do texto original (TO), por meio de uma linguagem mais explícita, mais clara para o leitor do texto traduzido (TT). Manifestações dessa tendência podem ser expressas sintática ou lexicalmente, e podem ser observadas habitualmente, em relação aos TOs, como a maior extensão dos TTs, o emprego exagerado de vocábulos e de conjunções coordenativas explicativas (CAMARGO, 2007, p. 31).

Contudo, ao longo desta tradução, nem todos os termos que poderiam ter sido explicitados para os leitores o foram, pois, embora em alguns momentos a melhor opção seja pensar em uma tradução que explique a ideia a que algo remete, em outros, como no trecho abaixo, a explicitação não se faz necessária por se tratar de outra enunciação.

She became a morality tale stiff with Schadenfreude, and so many columnists made allusion to Icarus that <i>Private Eye</i> ran a special column.	Ela tornou-se um duro conto moral de escárnio, e vários colunistas fizeram alusão a Ícaro, que a <i>Private Eye</i> publicou uma coluna especial.
---	---

O personagem “Ícaro” é parte da mitologia grega e seu mito conta sua tentativa de deixar a cidade voando, o que culminou em sua queda e posterior morte. A referência à mitologia grega feita na obra *“The Cuckoo’s Calling”*, devido ao fato de tanto o mito grego quanto a personagem da obra de Rowling terem morrido após quedas fatídicas cria um paratexto dentro da obra, o que de certa forma impossibilita a explicitação da mesma na tradução, afinal, seria citar a outra obra dando informações ou um pequeno resumo sobre a mesma, o que, afinal, não é o propósito da tradução.

Baker (1993) destaca quatro termos importantes e cujas técnicas são comumente utilizadas pelos tradutores: a simplificação, a explicitação, a normalização e o nivelamento. A simplificação, que é a estratégia adotada pelo tradutor no trecho abaixo, é definida por Baker como *“a tendência de tornar mais simples a linguagem usada na tradução”* (Baker, 1993, p.180), de forma a facilitar a compreensão do leitor, devido à criação de um texto mais comunicável.

<p>His thick curly hair, springy as carpet, had ensured that his many youthful nicknames had included “Pubehhead.” He looked older than his thirty-five years.</p>	<p>Seu grosso cabelo enrolado, macio como tapete, tinha assegurado que os seus muitos apelidos quando jovem incluísse também o de "Cabelo de Saco." Ele parecia mais velho do que seus trinta e cinco anos.</p>
--	---

O trecho apresentado acima nos mostra como a simplificação acontece na prática tradutória, levando o tradutor a fazer escolhas que vão muito além de simplificar o texto, na verdade busca deixá-lo alcançável pelos leitores. *“Pubehhead”* seria dado ao garoto cujo cabelo lembraria um púbis, porém, de forma a alcançar os leitores e tornar aquilo reconhecível pelos mesmos, o tradutor optou por “cabelo de saco”, evocando muito mais a imagem à cabeça do leitor.

Ao se traduzir uma obra que já é um *best seller*, alguns cuidados devem ser tomados para que possíveis problemas não surjam futuramente caso o livro se torne uma obra cinematográfica. Um dos cuidados que deve ser tomado pelo tradutor, é pensar na possível tradução dos nomes dos personagens. No trabalho de tradução de *“The Cuckoo’s Calling”*, optamos por não traduzir nenhum dos nomes, muito embora o nome do investigador pudesse ser traduzido, já que seu nome *“Cormoran Strike”* poderia ser traduzido por *“Cormoran Greve”*, que é a tradução de *“Strike”*.

Mas no diálogo a seguir é possível perceber uma alusão que outro personagem faz ao significado do nome de “*Cormoran Strike*”, o que causou certa dificuldade no momento da tradução, pois, três hipóteses foram consideradas. A primeira hipótese foi a de explicar a piadinha ao longo da tradução, perdendo assim a piada. A segunda hipótese foi a de traduzir apenas o texto que havia ali e também traduzir o sobrenome do personagem ao longo de todos os capítulos, tornando o diálogo abaixo mais claro, assim como o sobrenome do personagem. A terceira hipótese, que foi a hipótese escolhida, foi de manter o nome do personagem sem tradução, mas traduzir apenas o texto que ali existia sem inserir explicações, criando uma alusão como se “greve” fosse a etimologia do sobrenome do personagem.

“Really, is it? Nothing to do with hitting, or walkouts, ha ha...no...Well you see, when I was looking for someone to help me with this business, and I saw your name in the book,”	"Sério, é isso? Nada a ver com bater, ou greves, ha ha ... não ... Bem, você vê, quando eu estava procurando alguém para me ajudar com esse negócio, e eu vi seu nome no livro,"
---	--

Fato é que, muito embora os nomes dos personagens possam parecer apenas um mero detalhe, ao construir uma tradução é importante pensar nos efeitos que a tradução de nomes pode ou não causar no texto produzido.

Entre as técnicas utilizadas pelos tradutores de acordo com Baker (1993), há também a técnica da normalização. Como a explicitação e a simplificação, a normalização foi uma técnica também utilizada pelo tradutor neste trabalho.

Normalização: Tendência do tradutor em exagerar características da língua de chegada, adaptando a linguagem do texto original aos padrões típicos da linguagem do texto traduzido. (Baker, 1993, p. 243).

A intenção e o trabalho do tradutor por trás de um exagero nas características da língua de chegada podem influenciar nas marcas do texto, tornando-o mais soturno, engraçado, etc.

Something about her recalled Rochelle; although they were as different as two women could be, both gave off the	Algo nela lembrou Rochelle; embora elas fossem tão diferentes como duas mulheres poderiam ser, ambas exalavam o
---	---

resentment of those who feel shortchanged and neglected.	ressentimento daqueles que se sentem enganados e negligenciados
--	---

No trecho selecionado, bem como em outros trechos do texto, fica visível o trabalho para exprimir através de pequenas palavras e ideias possíveis interesses, como por exemplo, o uso da palavra “exalavam”, que é diferente de “*give off*”, cuja tradução seria “emitir”. Isto é, através de ideias inseridas pelo tradutor nos pequenos exageros ao longo do texto podem mudar ou intensificar o tom de determinado diálogo ou descrição.

Os exemplos citados acima são algumas das questões apresentadas pelo texto quando há o desafio de traduzi-lo. Seja por um poema ou até mesmo um objeto cuja explicação do mesmo comunica muito mais do que o próprio nome do objeto, traduzir “*The Cuckoo’s Calling*”, é uma experiência que requer do tradutor certo manejo da língua inglesa e, também, certa autonomia para pensar em soluções comunicáveis e que construam um *best seller* também em língua portuguesa.

Conclusão

Como apresentado por Émile Benveniste e sua teoria da enunciação, cada enunciação é única e toda enunciação está carregada de subjetividade. Toda tradução é uma enunciação de outra enunciação que é o texto original e, assim, toda tradução está carregada também da subjetividade do tradutor.

Mesmo quando falamos de uma obra como o *best seller*, que é o caso de “*The Cuckoo’s Calling*”, a subjetividade do tradutor também se encontra presente. Construído com personagens, léxico e estruturas reconhecíveis aos leitores, o *best seller* mesmo com suas características tão bem definidas, quando traduzido está tão sujeito à subjetividade do ser tradutor como qualquer outro texto.

O intuito do presente trabalho ao apresentar a tradução publicada no Brasil pela Editora Rocco e também uma nova proposta de tradução do mesmo texto, não buscou compará-los no mérito de qual tradução era melhor ou pior, mais acessível ou etc., até porque o juízo de valor não é relevante neste momento. A perspectiva ao apresentar as duas propostas de tradução era mostrar como funciona uma tradução de *best seller* na prática e, ainda, abordar a aplicabilidade da teoria da enunciação de Benveniste às duas traduções, demonstrando assim a subjetividade na tradução a partir de uma mesma obra.

Um mesmo “texto original” e duas propostas de tradução nos mesmos moldes, a tradução de um *best seller*, porém, com soluções e construções distintas em alguns pontos e demonstrando, assim, a subjetividade dos dois tradutores, cada um influenciado por uma maneira de traduzir, por questões pessoais, lexicais e sabe-se lá o que mais, afinal, a subjetividade encontra-se sempre presente e defini-la é algo impossível.

Referências Bibliográficas

- BAKER, M. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Org.). Text and technology: in honour of John Sinclair. Amsterdam: John Benjamins. 1993, p. 233-250.
- BENVENISTE, Émile (1946). *Estrutura das relações de pessoa no verbo*. In: _____. Problemas de linguística geral I. Campinas: Pontes, 2005a.
- BENVENISTE, Émile (1958). *Da subjetividade na linguagem*. In: _____. Problemas de linguística geral I. Campinas: Pontes, 2005c.
- CAMARGO, D. C. de. Padrões de estilo de tradutores: um estudo de semelhanças e diferenças em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas. 512 f. Tese (Livre-Docência em Tradução) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Unesp, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.
- FROTA, Maria Paula. *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise*. Campinas e São Paulo: Pontes e FAPESP, 2000(a).
- GALBRAITH, R. *The Cuckoo's Calling*. London: Bloomsbury, 2013.
- GALBRAITH, R. *O Chamado do Cuco*. Rocco, 2013.
- KAPLAN, R. B. *Language Learning*, 16 (1), 1966.
- MESCHONNIC, Henri. *Poética do Traduzir*. Perspectiva, 2010.
- SODRÉ, M. *Best-Seller: a literatura de mercado*. Rio de Janeiro: Ática, 1988.
- VENUTTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. São Paulo: EDUSC, 2003. 306 p.
- VENUTI, Lawrence. *The scandals of translation*. London/New York: Routledge, 1998: 124.)

Anexo

O CHAMADO DE CUCO

Para a verdadeira Deeby
com muitos agradecimentos

Por que você nasceu quando a neve estava caindo?

Para o chamado de cuco você deveria ter vindo,

Ou quando no cacho há verdes uvas,

Ou, ainda, quando há andorinhas juntas

Para seu voo distante

Longe do verão fatigante

Por que você morreu na época que os cordeiros foram surgindo?

Você deveria ter morrido quando as maçãs estavam caindo,

Quando para o gafanhoto tudo está complicado,

E nos campos de trigo só há restolho molhado

Suspirando vento vais

Por coisas doces que não voltam jamais.

Christina G. Rossetti, “Uma Triste Canção”

Prólogo

Três Meses Depois

Parte Um

Parte Dois

Parte Três

Parte Quatro

Parte Cinco

Epílogo

Dez Dias Depois

Sobre o Autor

Prólogo

Is demum miser est, cuius nobilitas miseria nobilitat.

Infeliz é aquele cuja fama enaltece o seu azar.

Lucius Accius, Telephus

O BARULHO NA RUA era como o zumbido das moscas. Fotógrafos estavam amontoados atrás de barreiras patrulhadas pela polícia, as câmeras com longas lentes a postos, a respiração subindo como vapor. A neve caía de forma constante nos chapéus e nos ombros; dedos enluvados limpavam as lentes. De vez em quando alguns disparos de cliques e flashes, enquanto estes observadores passavam o tempo em espera fotografando a tenda de lona branca no meio da rua, a entrada para o alto bloco de apartamentos vermelho-tijolo logo atrás, e a varanda no andar de cima do qual o corpo tinha caído.

Atrás do amontoado de paparazzi havia vans brancas com enormes antenas de satélite em cima, alguns jornalistas falando, alguns em línguas estrangeiras, enquanto técnicos de som acompanhavam com fones de ouvido. Entre as gravações, os repórteres esticavam as pernas e aqueciam as mãos em copos de café quente da cafeteria a algumas ruas de distância dali. Para preencher o tempo, o câmera com chapéu de lã filmava as costas dos fotógrafos, a varanda, a tenda que escondia o corpo, em seguida, se reposicionava para enquadrar o caos que tinha virado a calma e nevada rua Mayfair, com as suas fileiras de portas preto esmaltadas emolduradas por pórticos de pedra branca e ladeadas por arbustos ornamentais. A entrada para o número 18 foi delimitada com fita adesiva. Os policiais, alguns deles criminalistas, podiam ser vislumbrados no corredor além dela.

Os canais de televisão já haviam dado as notícias por várias horas. Membros do público foram aglomerando-se em cada extremidade da rua, mantidos à distância por mais policiais. Alguns tinham vindo, de propósito, para olhar, outros haviam parado em seu caminho para o trabalho. Muitos seguravam os celulares no alto para tirar fotos antes de prosseguir. Um jovem, sem saber qual era a varanda específica, fotografou cada uma delas, apesar da do meio estar tampada por uma fileira de arbustos, três esferas que mal deixavam espaço para um ser humano.

Um grupo de garotas tinha trazido flores, e foi filmado entregando-as à polícia, que ainda não tinha decidido sobre um lugar para elas, mas colocou-as conscientemente na parte de trás da van, mesmo sabendo que as lentes das câmeras acompanhavam todos os seus movimentos.

Os correspondentes enviados pelos canais de notícias vinte e quatro horas mantiveram uma transmissão constante de comentários e especulações em torno dos poucos fatos importantes dos quais tinham conhecimento.

“... de seu apartamento na cobertura por volta das duas horas da manhã. A polícia foi chamada pela guarda de segurança do edifício...”.

“... ainda nenhum sinal de que eles estão movendo o corpo, o que levou alguns a especular...”

“... nenhuma informação se ela estava sozinha quando caiu...”

“... As equipes entraram no prédio e vão conduzir buscas aprofundadas.”

Uma luz fria iluminou o interior da tenda. Dois homens estavam agachados ao lado do corpo, prontos para movê-lo, finalmente, para um saco apropriado. Sua cabeça tinha sangrado um pouco na neve. O rosto estava esmagado e inchado, um olho reduzido a uma prega, o outro mostrando uma parte branca opaca entre as pálpebras inchadas. Quando o top de lantejoulas que ela usava reluzia com as pequenas mudanças de luz, dava uma impressão inquietante de movimento, como se ela respirasse novamente, ou que estivesse enrijecendo os músculos, pronta para se levantar. A neve caía em cima da lona com um som estridente de pontas de dedos.

“Onde está a porcaria da ambulância?”

O mau humor do detetive Roy Carver estava aumentando. Um homem barrigudo com uma cara da cor de carne enlatada, cujas camisas geralmente tinham a parte das axilas rodeadas de suor, sua pouca paciência havia se esgotado horas atrás. Ele estava aqui quase tanto quanto o cadáver; ele estava com fome e seus pés estavam tão frios que não podia senti-los.

"A ambulância chega em dois minutos", disse o detetive Eric Wardle, respondendo involuntariamente à pergunta de seu superior ao entrar na tenda com seu celular pressionado ao ouvido. "Apenas organizando um espaço."

Carver resmungou. Seu mau humor aumentou quando ele percebeu que Wardle estava animado com a presença dos fotógrafos. Sua boa aparência juvenil, com cabelo castanho espesso e ondulado agora coberto de neve, Wardle tinha, na opinião de Carver, se demorado bastante em suas poucas incursões fora da tenda.

"Pelo menos isto vai acabar assim que o corpo for levado", disse Wardle, ainda olhando para os fotógrafos do lado de fora.

"Eles não vão embora enquanto tratarmos a porra do lugar como uma cena de assassinato." retrucou Carver.

Wardle não respondeu ao desafio ali implícito. Carver explodiu mesmo assim.

"A coitada da vaca pulou. Não havia mais ninguém lá. Sua suposta testemunha estava entupida de cocaína—"

"Está vindo", disse Wardle, e para desgosto de Carver, ele teve que sair da tenda para esperar a ambulância, bem em frente às câmeras.

A história deixou as notícias de política, guerras e desastres de lado, e cada nova versão surgia com fotos do rosto perfeito da mulher morta, seu corpo flexível e esculpido. Em poucas horas, os poucos fatos conhecidos se espalharam como um vírus para milhões de pessoas: a discussão em público com o famoso namorado, a volta pra casa sozinha, gritos ouvidos e a queda final, fatal...

O namorado fugiu para uma clínica de reabilitação, mas a polícia permaneceu inescrutável; aqueles que tinham estado com ela na noite anterior à sua morte foram ouvidos; milhares de colunas de jornal foram escritas, e horas de notícias de televisão, e a mulher que jurou ter ouvido uma segunda discussão momentos antes do corpo cair tornou-se rapidamente famosa também, e teve suas fotos estampadas em menor porte ao lado das imagens da bela garota morta.

Mas aí, em um quase audível gemido de decepção, foi provado que a testemunha estava mentido, e ela voltou para reabilitação, e o primeiro suspeito famoso surgiu, como se fossem o bonequinho e a bonequinha da casa meteorológica que nunca podem aparecer ao mesmo tempo.

E no final havia sido um suicídio, contudo, após um momento de hiato atordoado, a história ganhou um segundo fôlego fraco. Eles escreveram que ela estava desequilibrada, instável, inadequada para o estrelato que sua selvageria e sua beleza tinham conquistado; que ela estava no meio de uma classe poderosa e imoral que a havia corrompido; que a decadência da sua nova vida tinha desequilibrado uma personalidade já frágil. Ela tornou-se um duro conto moral de escárnio, e vários colonistas fizeram alusão a Ícaro, fazendo a *Private Eye* publicar uma coluna especial.

E então, finalmente, o frenesi vestiu-se de esquecimento, e até mesmo os jornalistas não tinham mais nada a dizer, somente que muito já havia sido dito.

2

STRIKE ABSORVEU O IMPACTO, OUVIU o grito estridente e reagiu instintivamente: soltando um braço longo, agarrou um punhado de roupa e carne; um segundo grito de dor ecoou pelas paredes de pedra e, em seguida, com uma torcida e uma disputa, ele conseguiu arrastar a garota de volta para o chão firme. Seus gritos ainda ecoavam pelas paredes, e ele percebeu que ele próprio tinha dito alto, "Jesus Cristo!"

A garota se dobrou de dor contra a porta do escritório, choramingando. A julgar pela forma desequilibrada que ela estava curvada, com uma mão enterrada sob a lapela do seu casaco, Strike deduziu que ele a salvou agarrando uma parte substancial do seio esquerdo dela. Uma espessa cortina de cabelo loiro brilhante ondulado escondia a maior parte do rosto corado da garota, mas Strike podia ver lágrimas de dor escapando de um olho.

"Merda... desculpa!" Sua voz alta reverberou em torno da escada. "Eu não te vi... não esperava que alguém estivesse aqui..."

Da parte de baixo, o designer gráfico estranho e solitário que habitava o escritório abaixo gritou: "O que está acontecendo lá em cima?", e um segundo depois, uma reclamação abafada da parte de cima indicava que o gerente do bar no térreo, que dormia em um apartamento no sótão sobre o escritório de Strike, também havia sido perturbado, talvez acordado pelo barulho.

"Venha aqui..."

Strike empurrou a porta com as pontas dos dedos, de modo a não ter nenhum contato acidental com ela enquanto permanecia encolhida contra si mesma, e a conduziu para o escritório.

"Está tudo bem?" perguntou o designer gráfico em tom queixoso.

Strike bateu a porta do escritório atrás dele.

"Eu estou bem", mentiu Robin, com a voz trêmula, ainda curvada com a mão sobre o peito, de costas para ele. Depois de um segundo ou dois, ela se endireitou e se virou, seu rosto escarlate e os olhos ainda molhados.

Seu agressor acidental era enorme; sua altura, sua cabeleira, juntamente com uma generosa barriga em expansão, sugeria um urso grisalho. Um de seus olhos estava

inchado e ferido, a pele logo abaixo da sobrancelha cortada. Sangue coagulado se alojava em rastros de unha em relevo e de bordas brancas na bochecha esquerda e no lado direito do pescoço grosso, revelado pelo colarinho aberto amassado de sua camisa.

“O se-senhor é o Sr. Strike?”

“Sim.”

“E-eu sou a temporária.”

“O quê?”

“Sou a funcionária temporária, das Soluções Temporárias.”

O nome da agência não apagou a incrédula aparência de seu rosto machucado. Eles se olharam, nervosos e antagônicos.

Assim como Robin, Cormoran Strike sabia que ele iria sempre se lembrar das últimas doze horas como uma noite de mudança na sua vida. Agora, parecia que os Fate tinham enviado uma emissária em um casaco bege arrumadinho, para ameaçá-lo com o fato de que sua vida estava borbulhando para a catástrofe. Não era para haver uma funcionária temporária. Ele pretendia que com a demissão da antecessora de Robin, o contrato terminasse.

"Eles te mandaram por quanto tempo?"

"U-uma semana, para começar", disse Robin, que nunca tinha sido recebida com tanta falta de entusiasmo.

Strike fez um cálculo mental rápido. Uma semana a uma taxa exorbitante da agência iria conduzir o seu cheque especial ainda mais para uma região de danos irreparáveis; poderia até ser a gota d'água que o seu principal credor dizia estar esperando.

“Dá uma licencinha.”

Ele saiu da sala através da porta de vidro, e virou-se imediatamente à direita, para dentro de um pequeno banheiro abafado. Aqui, ele fechou a porta e olhou para o espelho rachado e manchado sobre a pia.

O reflexo encarando-o não era bonito. Strike tinha a testa alta e saliente, nariz largo e sobrancelhas espessas de um jovem Beethoven que tinha feito boxe, uma impressão enaltecida pelo olho inchado e escurecido. Seu grosso cabelo enrolado, macio como tapete, tinha assegurado que os seus muitos apelidos quando jovem incluísse também o de "Cabelo de Saco." Ele parecia mais velho do que seus trinta e cinco anos.

Forçando o pino dentro do buraco, ele encheu a pia rachada e suja com água fria, inspirou profundamente e mergulhou completamente a cabeça que latejava de dor. Um pouco de água espirrou sobre seus sapatos, mas ignorou devido ao alívio de dez segundos de um silêncio gelado e cego.

Imagens aleatórias da noite anterior lampejaram em sua mente: ele esvaziando três gavetas com suas coisas e colocando em uma mochila enquanto Charlotte gritava com ele; o cinzeiro pegando em sua testa quando ele olhou para ela da porta; o caminho a pé pela cidade escura até seu escritório, onde ele tinha dormido durante uma ou duas horas em sua cadeira. Então, a cena suja no final, depois que Charlotte o rastreou nas primeiras horas, mergulhando nas últimas *banderillas* que ela não tinha conseguido implantar antes que ele deixasse o apartamento; a resolução para deixá-la ir quando, depois de arranhar seu rosto, ela saiu correndo pela porta e depois desse momento de loucura em que ele tinha mergulhado atrás dela, a perseguição terminou tão rapidamente quanto tinha começado, com a intervenção involuntária desta desatenta menina supérflua, a quem ele tinha sido forçado a salvar, e depois acalmar.

Ele saiu da água fria com um arquejo e um gemido, com o rosto e a cabeça agradavelmente dormentes e formigantes. Com a toalha com textura de papelão que estava pendurado na parte de trás da porta, ele se secou e encarou novamente o seu reflexo sombrio. Os arranhões, já com o sangue lavado, pareciam nada mais do que impressões de um travesseiro amassado. Charlotte deveria ter chegado ao metrô neste momento. Um dos pensamentos insanos que passou por sua cabeça em seguida foi o medo de que ela iria atirar-se sobre os trilhos. Uma vez, depois de uma briga particularmente cruel em seus vinte e poucos anos, ela subiu no telhado, onde ela balançou-se bêbada, jurando que iria pular. Talvez ele devesse estar contente que a Funcionária Temporária fez que ele abandonasse a perseguição. Não tinha como voltar à cena nas primeiras horas desta manhã. Desta vez, tinha que acabar.

Puxando o colarinho encharcado do seu pescoço, Strike puxou de volta o parafuso enferrujado, saiu do banheiro e seguiu de volta através da porta de vidro.

Uma furadeira insuportável tinha começado lá fora na rua. Robin estava em pé na frente da mesa, de costas para a porta; ela virou depressa a mão para frente do casaco quando ele reentrou na sala, e ele sabia que ela estava massageando o peito novamente.

"É... você está bem?", Perguntou Strike, cuidadosamente não olhando para o local da lesão.

"Estou bem. Escute, se você não precisa de mim, eu já vou", disse Robin com dignidade.

"Não, não, calma", disse uma voz saindo da boca de Strike, embora ele escutasse com desgosto. "Uma semana, sim, tudo vai ficar bem. Han... a correspondência está aqui..." Ele pegou-a do capacho enquanto falava e a espalhou sobre a mesa na frente dela, uma oferta propícia. "Sim, se você pudesse abrir isto, atender ao telefone, geralmente dar uma arrumada, a senha do computador é Hatherill23, eu vou anotá-la..." Ele fez isso, sob o olhar cauteloso e duvidoso. "Aqui está... eu vou estar aqui."

Ele entrou no escritório interno, fechou a porta com cuidado atrás dele e, em seguida, ficou imóvel, olhando para a mochila sob a mesa nua. Ela continha tudo o que ele

possuía, e ele duvidava que sequer veria novamente a maior parte das coisas que havia ficado na Charlotte. Elas provavelmente não estariam mais lá na hora do almoço; incendiadas, despejadas na rua, cortadas e destruídas, mergulhadas em água sanitária. A furadeira trabalhava incansavelmente na rua abaixo.

E agora a impossibilidade de pagar as suas dívidas montanhosas, as consequências terríveis que iriam acompanhar a queda iminente deste negócio, a recém, desconhecida, mas inevitavelmente horrível seqüela de ter deixado Charlotte; na exaustão de Strike, a miséria de tudo parecia elevar-se na frente dele em uma espécie de caleidoscópio de horror.

Pouco ciente de que havia se mudado, ele encontrou-se de volta à cadeira em que passou a última parte da noite. Do outro lado da não substancial parede da partição veio sons surdos de movimento. A funcionária temporária estava, sem dúvidas, ligando o computador, e em breve ela descobriria que ele não tinha recebido um único e-mail relacionado com o trabalho em três semanas. Então, depois que ele pediu, ela começaria a abrir todas as suas últimas demandas. Exausto, dolorido e com fome, Strike deslizou de bruços sobre a mesa novamente, abafando seus olhos e ouvidos em seus braços cruzados, de modo que ele não tinha que ouvir enquanto sua humilhação era exposta por uma estranha do outro lado da porta.

3

CINCO MINUTOS DEPOIS HOUVE uma batida na porta e Strike, que tinha estado a ponto de dormir, se pôs ereto na cadeira.

"Com licença?"

Seu subconsciente havia se embaraçado novamente em Charlotte; foi uma surpresa ver a estranha menina entrar na sala. Ela havia tirado o casaco para revelar um confortável e sedutor suéter creme. Strike dirigiu o olhar para a linha dos cabelos dela.

"Sim?"

"Tem um cliente aqui, para vê-lo. Devo trazê-lo?"

"Tem o quê?"

"Um cliente, Sr. Strike."

Ele a olhou por alguns segundos, tentando processar a informação.

"Certo, ok... não, me dê alguns minutos Sandra, por favor, e então traga-o."

Ela retirou-se sem dizer nada.

Strike desperdiçou quase um segundo se perguntando por que tinha a chamado de Sandra, antes de saltar em pé e se organizar para parecer e cheirar menos como um homem que tinha dormido com aquela roupa. Mergulhando debaixo de sua mesa atrás de sua mochila, pegou um tubo de pasta de dente, e apertou três polegadas em sua boca aberta; em seguida, ele notou que a gravata estava molhada da água da pia, e que a parte da frente da camisa estava salpicada com manchas de sangue, então ele as rasgou, os botões tilintando nas paredes e no arquivo, arrastou uma camisa limpa porém amassada para fora da mochila, dedos grossos atrapalhados. Depois de colocar a mochila fora de vista atrás de seu armário vazio, ele rapidamente retornou a si e verificou com os cantos do olhar em busca de entulhos, o tempo todo se perguntando se este assim chamado cliente era uma coisa real, e se ele estaria preparado para pagar o dinheiro real pelos serviços de detetive. Strike tinha percebido, ao longo de uma espiral de dezoito meses na ruína financeira, que nenhuma dessas coisas poderia ser tomada como garantida. Ele ainda estava perseguindo dois clientes pelo pagamento integral de suas contas; um terceiro se recusou a desembolsar um centavo, porque o que Strike descobriu não tinha sido de seu agrado, e dado que ele foi deslizando cada vez mais em dívidas, e que uma revisão de aluguel da área estava ameaçando seu arrendamento do escritório no centro de Londres que ele tinha sido tão satisfeito em assegurar, então Strike não estava em posição de envolver um advogado. Métodos mais cruéis e ásperos de cobrança de

dívidas tornaram-se parte de suas recentes fantasias; que teria lhe dado muito prazer de ver os mais convencidos de seus inadimplentes agachados na sombra de um bastão de beisebol.

A porta se abriu novamente; Strike se apressou a retirar o dedo indicador de sua narina e sentou-se em linha reta, tentando parecer brilhante e alerta em sua cadeira.

"Sr. Strike, este é o Sr. Bristow."

O cliente em potencial seguiu Robin para dentro da sala. A impressão imediata foi favorável. O estranho podia ser distintamente tímido em aparência, com um lábio superior curto que não conseguia esconder grandes dentes da frente; sua cor era de areia, e seus olhos, a julgar pela espessura dos óculos, míope; mas seu terno cinza escuro era muito bem adaptado, e a brilhante gravata azul-gelo, o relógio e os sapatos pareciam todos muito caros.

A suavidade de neve da camisa do estranho fez Strike duplamente consciente das mil ou mais dobras em suas próprias roupas. Ele se levantou para dar a Bristow o pleno benefício de seus 1 metro e 90 centímetros, estendeu uma mão de costas cabeludas e tentou contrariar a superioridade da alfaiataria do visitante projetando o ar de um homem muito ocupado para se preocupar com roupas.

"Sou Cormoran Strike, como vai?"

"John Bristow," disse o outro, cumprimentando com as mãos. Sua voz era agradável, educada e incerta. Seu olhar demorou-se no olho inchado de Strike.

"Sr., eu poderia lhe oferecer um café ou chá?" perguntou Robin.

Bristow pediu um café preto pequeno, mas Strike não respondeu; ele tinha acabado de avistar uma jovem de testa grande em um terno desalinhado de tweed, que estava sentada no sofá púido ao lado da porta do escritório exterior. Seria demais que dois clientes em potencial pudessem ter chegado no mesmo momento. Será que não tinham enviado uma segunda funcionária temporária?

"Sr. Strike, e o senhor?" perguntou Robin.

"O quê? Ah... café preto, dois açúcares, por favor, Sandra," ele disse, antes que pudesse se conter. Ele viu a boca dela torcer quando ela fechou a porta, e só então ele se lembrou que não havia nenhum café, açúcar ou, se quer, copos.

Sentando-se a convite de Strike, Bristow olhou em volta do escritório no que Strike tinha medo que ele se decepcionasse. O cliente em potencial parecia nervoso na maneira culpada que Strike associava com maridos suspeitos, mas um leve ar de autoridade se agarrou a ele, transmitida principalmente pela despesa óbvia de seu terno. Strike perguntou-se como Bristow o tinha encontrado. Foi difícil começar o negócio boca-a-boca quando sua única cliente (como ela regularmente soluçava ao telefone) não tinha amigos.

"O que posso fazer pelo senhor, Sr. Bristow?", Ele perguntou de volta à sua própria cadeira.

"É... um... na verdade, gostaria de saber se eu poderia apenas verificar uma coisa... Eu acho que nós já nos conhecemos antes."

"Sério?"

"Você não se lembra de mim, foi há muitos anos atrás... mas eu acho que você era amigo de meu irmão Charlie. Charlie Bristow? Ele morreu... em um acidente... quando tinha nove anos."

"Caramba", disse Strike. "Charlie... sim, eu me lembro."

E, de fato, ele se lembrava perfeitamente. Charlie Bristow tinha sido um dos muitos amigos que Strike havia feito durante uma complicada e peripatética infância. Um menino magnético, selvagem e irresponsável, líder da gang mais legal na nova escola de Strike em Londres, Charlie tinha dado uma boa olhada no novo garoto enorme com o pesado sotaque Cornish, e nomeou-o seu melhor amigo e tenente. Dois meses vertiginosos de amizade fraternal e mau comportamento se seguiram. Strike, que sempre foi fascinado pelo funcionamento suave das casas de outras crianças, com suas famílias sãs, bem ordenadas, e os quartos que eles eram autorizados a manter por anos e anos, mantiveram viva a lembrança da casa de Charlie, que era grande e luxuosa. Tinha um gramado longo iluminado pelo sol, uma casa na árvore, e limonada gelada servida pela mãe de Charlie.

E então vieram os horrores sem precedentes do primeiro dia de volta à escola depois das férias de Páscoa, quando a professora lhes disse que Charlie nunca ia voltar, que ele estava morto, que tinha montado sua bicicleta ao longo da beira de uma pedreira, enquanto passava o feriado no País de Gales. Ela tinha sido uma cadela velha maldita, aquela professora, e ela não foi capaz de resistir a dizer à classe que Charlie, que, como eles se lembrariam, *muitas vezes desobedecia aos adultos*, tinha sido *expressamente proibido* de andar em qualquer lugar perto da pedreira, mas que ele tinha feito isso de qualquer maneira, *talvez, mostrando...* mas ela foi forçada a parar por aí, porque duas meninas na primeira fila estavam soluçando.

Daquele dia em diante, Strike via o rosto de um menino loiro rindo fragmentar-se cada vez que ele olhava para, ou que imaginava, uma pedreira. Ele não teria ficado surpreso se cada membro da classe da idade de Charlie Bristow tivesse sido deixado com o mesmo medo persistente do grande poço escuro, a queda absoluta e a pedra imperdoável.

"Sim, eu me lembro de Charlie," ele disse.

O pomo de Adão de Bristow se mexia um pouco.

"Sim. Bem, é o seu nome, você vê. Lembro-me tão claramente Charlie falando de você, no feriado, nos dias antes de morrer; 'Meu amigo Strike,' 'Cormoran Strike.' É incomum, não é? De onde que 'Strike' vem, você sabe? Eu nunca vi em nenhum outro lugar."

Bristow não era a primeira pessoa que Strike conhecia que iria tocar em qualquer assunto aleatório como o tempo, a taxa de congestionamento, suas preferências em bebidas quentes, só para adiar a discussão sobre o que os tinha levado àquele escritório.

"Eu ouvi dizer que é algo que tem a ver com o milho", disse ele, "a medição de milho."

"Sério, é isso? Nada a ver com bater, ou greves, ha ha ... não ... Bem, você vê, quando eu estava procurando alguém para me ajudar com esse negócio, e eu vi seu nome no livro," O joelho de Bristow começou a balançar para cima e para baixo, "talvez você possa imaginar como isto, bem, parecia como... um sinal. Um sinal de Charlie. Dizendo que eu estava certo".

Seu pomo de Adão se mexia ao engolir.

"OK", disse Strike com cautela, esperando que ele não fosse confundido com um médium.

"É minha irmã, sabe," disse Bristow.

"Certo. Ela está metida em algum problema?"

"Ela está morta."

Strike simplesmente se impediu de dizer, "Ela também?"

"Sinto muito," ele disse cuidadosamente.

Bristow aceitou a condolência com uma inclinação de cabeça.

"Eu... isto não é fácil. Primeiramente, você devia saber que minha irmã é... era... Lula Landry."

A esperança, tão breve se reergueu com a notícia de que ele poderia ter um cliente, caiu lentamente para a frente como uma lápide de granito e aterrissou com um golpe agonizante no intestino de Strike. O homem sentado em frente a ele estava delirando, se não realmente fosse um desequilibrado. Era uma impossibilidade semelhante a dois flocos de neve idênticos que este homem leporino de rosto pálido pudesse ter surgido do mesmo fundo genético da pele bronzeada, pernas de potro e beleza de corte de diamante que tinha sido Lula Landry.

"Meus pais a adotaram", disse Bristow calmamente, como se soubesse o que Strike estava pensando. "Éramos todos adotados."

"Aham", disse Strike. Ele tinha uma memória excepcionalmente precisa; lembrar lá trás a enorme, bem organizada, fresca casa, os acres flamejantes do jardim, ele se lembrou de uma mãe loura lânguida que presidia a mesa do piquenique, o vozeirão distante de um pai intimidador; um irmão mais velho ranzinza pegando o bolo de frutas, o próprio Charlie fazendo sua mãe rir enquanto fazia palhaçadas; mas nenhuma menina.

"Você não teria encontrado Lula", Bristow continuou, mais uma vez, como se Strike tivesse falado seus pensamentos em voz alta. "Meus pais não tinham a adotado até depois que Charlie morreu. Ela tinha quatro anos de idade, quando ela veio para nós; ela ficou em custódia por alguns anos. Eu tinha quase quinze anos. Ainda me lembro de estar na porta da frente e ver meu pai trazendo-a do carro. Ela estava usando um pequeno chapéu vermelho de malha. Minha mãe ainda o tem."

E de repente, surpreendentemente, John Bristow explodiu em lágrimas. Ele soluçou em suas mãos, ombros curvados, tremendo, enquanto lágrimas e melecas escorriam através dos dedos. Toda vez que ele parecia ter se controlado, mais soluços surgiam.

"Me desculpe... desculpe... Jesus..."

Ofegando e soluçando, ele limpou debaixo dos óculos com um lenço embolado, tentando recuperar o controle.

A porta do escritório se abriu e Robin entrou, carregando uma bandeja. Bristow virou o rosto, os ombros arfando e sacudindo. Através da porta aberta Strike teve outro vislumbre da mulher no escritório exterior; ela não estava sorrindo para ele ao olhar de cima de uma cópia do *Daily Express*.

Robin deixou dois copos, uma jarra de leite, um açucareiro e um prato de biscoitos de chocolate, nenhum deles Strike jamais tinha visto, ela sorriu de maneira superficial ao ouvir os agradecimentos e saiu.

"Espere um momento, Sandra", disse Strike. "Você poderia...?"

Ele pegou um pedaço de papel na mesa e colocou-o no joelho. Enquanto Bristow fazia ruídos macios ao engolir, Strike escreveu, muito rapidamente e da forma mais legível possível:

Por favor, pesquise Lula Landry e descubra se ela foi adotada, e em caso afirmativo, por quem. Não fale nada sobre o que você está fazendo com a mulher lá fora (o que ela está fazendo aqui?). Anote as respostas às perguntas acima e as traga para mim, sem dizer o que você encontrou.

Ele entregou o pedaço de papel para Robin, que o pegou sem dizer nada e saiu da sala.

"Desculpe... desculpe-me", Bristow engasgou ao fechar da porta. "Isto é... eu geralmente não... eu estive de volta ao trabalho, vendo clientes..." Ele respirou fundo várias vezes. Com seus olhos cor de rosa, a semelhança com um coelho albino só aumentou. Seu joelho direito ainda estava balançando para cima e para baixo.

"Tem sido um momento terrível," ele sussurrou, respirando profundamente. "Lula... e minha mãe morrendo..."

A boca de Strike estava salivando com a visão dos biscoitos de chocolate, porque ele não tinha comido nada durante o que pareceram dias; mas ele sentiu que iria parecer um tanto quanto antipático começar a petiscar enquanto Bristow balançava, fungava e enxugava os olhos. A furadeira insuportável continuava como uma metralhadora lá na rua.

"Ela se entregou completamente desde que Lula morreu. Ela está acabada. Supúnhamos que o câncer estava reduzindo, mas voltou, e eles dizem que não há mais nada que possam fazer. Quer dizer, esta é a segunda vez. Ela teve uma espécie de colapso depois de Charlie. Meu pai pensou que outra criança iria melhorar as coisas. Eles sempre quiseram uma menina. Não foi fácil para eles serem aprovados, mas Lula era de uma raça mista, e mais difícil de encaixar, então..." ele terminou, em um soluço estrangulado, "eles conseguiram pegá-la."

"Ela sempre foi bo-bonita. Ela foi de-descoberta em Oxford Street, fazendo compras com minha mãe. Chamada pela Athena. É uma das agências mais prestigiadas. Ela estava modelando o tempo to-todo aos dezessete anos. No momento em que ela morreu, ela valia cerca de dez milhões. Eu não sei por que estou lhe dizendo tudo isso. Você provavelmente sabe tudo. Todo mundo sabia... pensavam que sabiam... tudo sobre Lula."

Ele pegou seu copo desajeitadamente; suas mãos tremiam tanto que o café derramou na beira da mesa até as das calças do terno...

"O que exatamente você gostaria que eu fizesse por você?", perguntou Strike.

Bristow recolocou o copo trêmulo sobre a mesa, em seguida, juntou as mãos com força.

"Eles dizem que minha irmã se matou. Eu não acredito nisso."

Strike lembrou as imagens de televisão: o saco negro com o corpo em uma maca, piscando em uma tempestade de flashes quando foi carregado para uma ambulância, os fotógrafos se aglomerando ao redor quando ela começou a se mover, apontando as câmeras para as janelas escuras, luzes brancas no vidro preto. Ele sabia mais sobre a morte de Lula Landry do que jamais teve a intenção ou queria saber; o mesmo era verdade para praticamente qualquer ser consciente na Grã-Bretanha. Bombardeados com a história, você se manteve interessado contra a sua vontade, e antes que percebesse você estava tão bem informado, tão opinativo sobre os fatos do caso que você teria sido incapaz de se sentar em um júri.

"Houve um inquérito, não?"

"Sim, mas o detetive encarregado do caso estava convencido desde o início que era suicídio, simplesmente porque Lula estava em lítio. As coisas que eles negligenciaram - até mesmo viram alguns deles na internet."

Bristow apontou um dedo sem sentido para a mesa nua de Strike, onde um computador deveria ficar.

Uma batida superficial e a porta se abriu; Robin entrou, entregou um bilhete dobrado para Strike e se retirou.

"Desculpe, se importaria?", disse Strike. "Eu estou esperando por esta mensagem."

Ele desdobrou o papel no joelho, para que Bristow não pudesse ver pela parte de trás, e leu:

Lula Landry foi adotada por Sir Alec e Lady Yvette Bristow quando tinha quatro anos. Ela cresceu como Lula Bristow, mas tomou o nome de solteira de sua mãe quando começou a modelar. Ela tem um irmão mais velho chamado John, que é advogado. A menina esperando lá fora é a namorada do Sr. Bristow e secretária em sua firma. Eles trabalham para Landry, May, Patterson, a empresa começou pelo avô materno de Lula e John. A foto de John Bristow na home page dos LMO é idêntica ao do homem que você está falando.

Strike amassou o papel e deixou cair no cesto de papel a seus pés. Ele estava incrédulo. John Bristow não estava fantasiando; e ele, Strike, parecia ter recebido uma funcionária temporária com mais iniciativa, e melhor pontuação, do que qualquer outra que ele já conheceria.

"Desculpe, continue", disse ele a Bristow. "Você estava dizendo... sobre a investigação?"

"Sim", disse Bristow, enxugando a ponta do nariz com o lenço molhado. "Bem, eu não estou negando que Lula tinha problemas. De fato, ela levou mamãe ao inferno. Tudo começou mais ou menos quando nosso pai morreu, você provavelmente já sabe tudo isso, Deus sabe quanto de tudo isso estava na imprensa... mas ela foi expulsa da escola por meter-se com drogas; ela fugiu para Londres, minha mãe encontrou-a vivendo com viciados; as drogas exacerbaram os problemas mentais; ela fugiu de um centro de tratamento... eram intermináveis cenas e dramas. No final, porém, eles perceberam que ela tinha transtorno bipolar e a colocaram na medicação certa, e desde então, enquanto ela estava tomando seus comprimidos, ela ficava bem; você nunca saberia que havia algo errado com ela. Até mesmo o juiz aceitou que ela estava tomando a medicação, a autópsia provou isso.

"Mas a polícia e o médico legista não poderiam ter visto apenas a menina com um histórico de má saúde mental. Eles insistiam que ela estava deprimida, mas eu posso te dizer que Lula não estava deprimida. Eu a vi na manhã antes de morrer, e ela foi absolutamente excelente. As coisas estavam indo muito bem para ela, particularmente

em termos de carreira. Ela tinha acabado de assinar um contrato que renderiam cinco milhões ao longo de dois anos; ela me pediu para dar uma olhada nele, e era um bom negócio. O designer era um grande amigo dela, Somé, eu espero que você já tenha ouvido falar dele? E ela estava bem há alguns meses; havia uma filmagem no Marrocos em breve, e ela adorava viagens. Então você vê, não havia nenhuma razão para ela tirar sua própria vida.”

Strike assentiu educadamente, interiormente impressionado. Suicidas, em sua experiência, eram perfeitamente capazes de fingir um interesse em um futuro que não tinham intenção de habitar. O humor matinal em tons de rosa dourado de Lula poderia facilmente escurecer e ficar sem esperança no dia e metade da noite que precedeu sua morte; ele sabia que isso acontecia. Lembrou-se do tenente da King’s Royal Rifle Corps, que tinha subido no meio da noite depois de sua própria festa de aniversário, da qual, por todas as contas, ele tinha sido a vida e a alma. Ele tinha escrito um recado para sua família, dizendo-lhes para chamar a polícia e não ir para a garagem. O corpo havia sido encontrado pendurado no teto da garagem por seu filho de quinze anos de idade, que não tinha notado o recado quando correu pela cozinha no caminho para buscar sua bicicleta.

"Isso não é tudo", disse Bristow. "Há evidências, evidências concretas. Tansy Bestigui, para começar.”

"Ela era a vizinha que disse que ouviu uma discussão lá em cima?"

"Exatamente! Ela ouviu um homem gritando lá em cima, antes de Lula cair da varanda! A polícia apagou a evidência dela, simplesmente por que... bem... ela tinha usado cocaína. Mas isso não significa que ela não sabia o que ouviu. Tansy diz até hoje que Lula estava discutindo com um homem segundos antes de cair. Eu sei, porque eu conversei isto com ela muito recentemente. Nossa firma está lidando com o divórcio dela. Tenho certeza de que seria capaz de convencê-la a falar com você.

"E então", disse Bristow, observando Strike ansiosamente, tentando avaliar sua reação, "havia as imagens da CCTV. Um homem andando até a Kentigern Gardens cerca de vinte minutos antes de Lula cair, e, em seguida, as imagens do mesmo homem correndo da Kentigern Gardens depois de ela ter sido morta. Eles nunca descobriram quem ele era; nunca conseguiram localizá-lo.”

Com uma espécie de ânsia furtiva, Bristow tirou de um bolso interno do casaco um envelope limpo ligeiramente amarrotado e estendeu-o.

"Eu escrevi tudo aqui. Os horários e tudo. Está tudo aqui. Você vai ver como tudo se encaixa.”

A aparência do envelope não aumentou a confiança de Strike no julgamento de Bristow. Ele tinha recebido esse tipo de coisas antes: os frutos rabiscados de obsessões solitárias e mal orientadas; divagações de uma pista sobre teorias de estimação; horários complexos torcidos para caber contingências fantásticas. A pálpebra esquerda do

advogado estava tremeluzindo, um de seus joelhos balançando para cima e para baixo e os dedos proferindo o envelope estavam tremendo.

Por alguns segundos Strike pesou estes sinais de tensão contra os sapatos, sem dúvida, feitos à mão de Bristow, e o relógio Vacheron Constantin se revelou em seu pulso pálido quando ele gesticulou. Este era um homem que podia e iria pagar; talvez o tempo suficiente para permitir a Strike limpar uma parcela do empréstimo que mais pressionava seus débitos. Com um suspiro, e uma carranca interior em sua própria consciência, Strike disse:

"Sr. Bristow..."

"Me chame de John."

"John ... Eu vou ser honesto com você. Eu não acho que seria certo receber o seu dinheiro. "

Manchas vermelhas floresceram no pescoço pálido de Bristow e na face indistinta, enquanto ele segurava o envelope.

"O que quer dizer, não seria certo?"

"A morte de sua irmã foi provavelmente tão exaustivamente investigada como qualquer coisa pode ser. Milhões de pessoas e meios de comunicação de todo o mundo, estavam seguindo a polícia a cada movimento. Eles devem ter sido duas vezes mais aprofundadas do que de costume. O suicídio é uma coisa difícil de ter que aceitar..."

"Eu não aceito isto. Eu nunca vou aceitar. Ela não se matou. Alguém a empurrou sobre aquela varanda."

A furadeira lá fora parou de repente, de modo que a voz de Bristow soou alta pela sala; e sua fúria de pavio curto era a de um homem calmo empurrado para seu limite absoluto.

"Entendo. Entendi. Você é mais um, não é? Outra merda de poltrona de psicólogo? Charlie morto, meu pai morto, Lula está morta e minha mãe morrendo... eu perdi todos, e eu preciso de um conselheiro de luto, não um detetive. Você acha que eu não ouvi esta merda uma centena de vezes antes? "

Bristow se levantou, impressionante com seus dentes de coelho e pele manchada.

"Eu sou um homem muito rico, Strike. Desculpe ser grosso sobre isso, mas lá está você. Meu pai me deixou um fundo de confiança considerável. Eu olhei os valores em geral para esse tipo de coisa, e eu estaria feliz de pagá-lo o dobro."

Um valor em dobro. A consciência de Strike, uma vez firme e não elástica, tinha sido enfraquecida por repetidos golpes do destino; este foi a nocaute. Seu eu mais vil já dava cambalhotas no reino da especulação feliz: um mês de trabalho seria o suficiente para

pagar a funcionária temporária e alguns dos aluguéis em atraso; dois meses, as dívidas que mais pressionavam... três meses, uma parte do cheque especial... quatro meses ...

Mas John Bristow estava falando sobre seu ombro quando ele se moveu em direção à porta, apertando e amassando o envelope que Strike havia se recusado a receber.

"Eu queria que fosse você por causa de Charlie, mas eu descobri um pouco sobre você, eu não sou um idiota completo. Um ramo especial de investigação, a polícia militar, não era? Condecorado também. Não posso dizer que fiquei impressionado com seus escritórios", Bristow estava quase gritando agora, e Strike estava ciente de que as vozes femininas abafadas na antessala estavam em silêncio, "mas, aparentemente, eu estava errado, e você pode se dar ao luxo de recusar trabalho. Tudo bem! Esqueça isso. Eu tenho certeza que vou encontrar outra pessoa para fazer o trabalho. Desculpe ter incomodado você!"

14

A MANHÃ SEGUINTE ESTAVA FRESCA e brilhante. Strike pegou o metrô para a gentil e frondosa Chelsea. Esta era uma parte de Londres que ele mal conhecia, mesmo em suas fases mais perdulárias, nem por Leda ele nunca conseguiu assegurar um ponto de apoio nas imediações do Chelsea Hospital Real, pálido e gracioso no sol de primavera.

Franklin Row era uma rua atraente com tijolos vermelhos; aqui haviam plátanos, e um grande espaço relvado delimitado com grades, em que um grupo de crianças da escola primária estavam jogando jogos em blusas Aertex azuis pálidas e shorts azul marinho, assistidos por professores agasalhados. Seus gritos felizes pontuavam o silêncio calmo antes perturbado apenas pelo canto dos pássaros; nenhum carro passou enquanto Strike caminhava pela calçada em direção à casa de Lady Yvette Bristow, com as mãos nos bolsos.

A parede ao lado da porta parcialmente de vidro, situada no topo de quatro degraus de pedra branca, possuía um painel Bakelite à moda antiga de campainhas. Strike checou se o nome de Lady Yvette Bristow estava claramente marcado ao lado do Flat E, em seguida, retirou-se para a calçada e ficou esperando no calor suave do dia, olhando para cima e para baixo da rua.

Dez e meia chegou, mas John Bristow não. A praça permaneceu deserta, exceto pelas vinte crianças pequenas correndo entre aros e cones coloridos para além das grades.

Às 10h45min, o celular de Strike vibrou em seu bolso. A mensagem era de Robin:

Alison acabou de ligar para dizer que JB está inevitavelmente detido. Ele não quer que você fale com sua mãe sem a presença dele.

Strike imediatamente mandou uma mensagem para Bristow:

Quanto tempo você vai ficar detido? Alguma chance de fazer isso mais tarde ainda hoje?

Ele mal tinha enviado a mensagem quando o telefone começou a tocar.

"Sim, Alô?", Disse Strike.

"Oggy?" surgiu a voz metálica de Graham HardAcres, direto da Alemanha. "Eu tenho o material em Agyeman."

"Seu timing está estranho." Strike tirou seu caderninho. "Continue."

"Ele é o tenente Jonas Francis Agyeman, da Royal Engineers. Vinte e um anos, solteiro, último serviço militar começou em 11 de janeiro. Ele está de volta em junho. Parente mais próximo, uma mãe. Sem irmãos, sem filhos."

Strike rabiscou tudo em seu caderno, com o celular entre a mandíbula e o ombro.

"Te devo uma, Hardy", disse ele, colocando o caderno de lado. "Você não tirou uma foto, não é?"

"Eu poderia enviar-lhe uma."

Strike deu a Hardacre o endereço de e-mail do escritório e, depois de perguntas de rotina sobre a vida do outro, e as expressões mútuas de boa disposição, encerraram a chamada.

Eram 10h55min. Strike esperou com o telefone na mão, na praça tranquila e arborizada, enquanto as crianças saltitantes brincavam com seus aros e pufes, e um pequeno avião prateado desenhava uma linha branca grossa através do céu. Por fim, com um pequeno som claramente audível na rua tranquila, a mensagem de resposta de Bristow chegou:

Sem chance hoje. Eu fui forçado a ir para Rye. Talvez amanhã?

Strike suspirou.

"Desculpe, John," ele murmurou, e ele subiu os degraus e tocou a campainha de Lady Bristow.

O hall de entrada, silencioso, espaçoso e ensolarado, no entanto, tinha um ar levemente deprimente de comunidade, em que um vaso em forma de balde de flores secas e um tapete verde maçante e paredes amarelo pálido, provavelmente, escolhidos por serem inofensivos não poderia se dissipar. Como em Kentigern Gardens, havia um elevador, este com portas de madeira. Strike escolheu subir caminhando. O edifício tinha um leve desalinho que em nada diminuiu a sua aura tranquila de riqueza.

A porta do flat de cima foi aberta pela enfermeira sorridente de West Indian Macmillan que lhe recebeu pela porta da frente.

"Você não é o Sr. Bristow," ela disse brilhantemente.

"Não, eu sou Strike Cormoran. John está a caminho".

Ela deixou-o entrar. O corredor de Lady Bristow era agradavelmente desordenado, forrado em vermelho desbotado e coberto de aquarelas em molduras douradas antigas; um stand de guarda-chuva estava cheio de bengalas e casacos pendurados em uma fileira de cabides para chapéus. Strike olhou à direita, e viu uma parte da sala de estudo no final do corredor: uma mesa de madeira pesada e uma cadeira giratória de costas para a porta.

"Você vai esperar na sala de estar enquanto eu verifico se Lady Bristow está pronta para vê-lo?"

"Sim, claro."

Ele entrou pela porta que ela indicou em uma charmosa sala com paredes de prímula, forrada com estantes comportando fotografias. Um telefone à moda antiga estava em uma mesa final ao lado de um confortável sofá estampado de chintz. Strike verificou que a enfermeira estava fora de vista antes de deslizar o receptor para fora do gancho e reposicioná-lo, de forma discretamente distorcida em seus restos.

Perto da janela da sacada em um *bonheur du jour* havia uma grande fotografia, emoldurada em prata, mostrando o casamento de Sir Alec e Lady Bristow. O noivo parecia muito mais velho do que sua esposa, um radiante, redondo homem barbudo; a noiva era magra, loira e bonita de uma forma insípida. Ostensivamente admirando a fotografia, Strike ficou de costas para a porta, e deslizou para abrir uma pequena gaveta na mesa de cerejeira delicada. Dentro havia uma quantidade de finos papéis azuis pálidos de escrita e envelopes de correspondência. Ele deslizou a gaveta e a fechou novamente.

"Senhor Strike? Pode vir por aqui".

De volta através do corredor vermelho-forrado, uma passagem curta, e em um quarto grande, onde as cores dominantes eram azul ovo de pato e branco, e em toda parte dava a impressão de elegância e bom gosto. Duas portas do lado esquerdo, ambas entreabertas, levavam a uma pequena suíte, e o que parecia ser um grande closet. A mobília era delicada e afrancesada; os amparos de uma doença séria – tubo de soro em seu suporte de metal, o penico limpo e brilhante em uma cômoda, com um conjunto de remédios – eram impostores chamativos.

A mulher quase morta usava um cobertor cor de marfim grosso e reclinado, pequenina em sua cama de madeira esculpida, entre muitos travesseiros brancos. Nenhum traço da beleza juvenil de Lady Bristow permanecia. Os ossos crus do esqueleto estavam claramente delineados agora, sob a pele fina que era brilhante e descamava. Seus olhos estavam afundados, meio opacos escurecidos, e seus cabelos ralos, bem como o de um bebê, eram cinza sobre grandes extensões de couro cabeludo rosa. Seus braços magros estavam moles em cima das cobertas, um cateter aparecendo. Sua morte era uma presença quase palpável na sala, como se ela ficasse esperando pacientemente, educadamente, por trás das cortinas.

Um leve cheiro de tília permeava a atmosfera, mas não inteiramente superava a desinfetante decadência corporal; cheiros que lembravam, para Strike, o hospital onde ele tinha ficado impotente por meses. Uma segunda janela grande tinha sido levantada algumas polegadas, de modo que o ar fresco quente e os gritos distantes das brincadeiras esportivas das crianças podiam entrar na sala. A vista era dos ramos mais altos das folhas dos plátanos iluminados pelo sol.

"Você é o detetive?"

Sua voz era fina e rachada, suas palavras um pouco arrastadas. Strike se perguntou se Bristow tinha lhe dito a verdade sobre sua profissão, estava feliz que ela sabia.

"Sim, eu sou Cormoran Strike."

"Onde está o John?"

"Ele está ocupado no escritório."

"Mais uma vez," ela murmurou, e, em seguida: "Tony exige muito trabalho dele. Não é justo." Ela olhou para ele, desfocada, e indicou com um dedo ligeiramente levantado uma pequena cadeira pintada. "Sente-se."

Havia linhas esbranquiçadas ao redor de suas íris desbotadas. Quando se sentou, Strike notou mais duas fotografias em porta-retratos prateados na mesa de cabeceira. Com algo semelhante a um choque elétrico, ele encontrou-se olhando nos olhos de um Charlie Bristow de dez anos de idade, rosto gordinho, com seu corte de cabelo ligeiramente mullet: para sempre congelado na década de oitenta, com a camisa da escola com sua longa gola pontuda, e o enorme nó da gravata. Ele olhava da mesma forma que tinha feito quando se despediu do seu melhor amigo, Cormoran Strike, esperando encontrar-lhe outra vez depois da Páscoa.

Ao lado de fotografia de Charlie havia uma menor, de uma bela menina com longos cachos pretos e grandes olhos castanhos, em um uniforme azul marinho da escola: Lula Landry, com não mais que seis anos.

"Mary", disse Lady Bristow sem levantar a voz, e a enfermeira se apressou. "Você poderia trazer para o Sr. Strike... café? Chá?", perguntou a ele, e ele foi transportado de volta duas décadas e meia, até o jardim iluminado pelo sol de Charlie Bristow, e a mãe loira graciosa, e a limonada gelada.

"Um café seria ótimo, muito obrigado."

"Peço desculpas por não fazer isso eu mesma", disse Lady Bristow, assim que a enfermeira saiu com passos pesados, "mas como você pode ver, eu estou totalmente dependente, agora, da bondade de estranhos. Como o pobre Blanche Dubois."

Ela fechou os olhos por um momento, como que para se concentrar melhor em alguma dor interna. Ele se perguntou quão fortemente medicada ela estava. Abaixo da forma graciosa, ele sentiu o aroma leve de algo amargo em suas palavras, como a tília não conseguia cobrir o cheiro de decadência, e ele se perguntou, considerando que Bristow passava a maior parte de seu tempo se prestando à ela.

"Por que John não está aqui?", perguntou Lady Bristow novamente, com os olhos ainda fechados.

"Ele está ocupado no escritório," Strike repetiu.

"Ah sim. Sim, você disse."

"Lady Bristow, eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas, e peço desculpas antecipadamente se elas parecerem muito pessoais, ou perturbadoras."

"Quando você já passou pelo que eu passei", ela disse calmamente, "nada mais pode te machucar. Me chame de Yvette. "

"Obrigado. Você se importa se eu fizer anotações?"

"Não, nem um pouco", disse ela, e o observou-o tirar a caneta e o caderno com uma turva amostra de interesse.

"Eu gostaria de começar, se a senhora não se importa, com a forma como Lula entrou em sua família. A senhora sabia algo sobre seu passado quando a adotou?"

Ela olhou a própria imagem de impotência e passividade deitada ali com os braços flácidos nos cobertores.

"Não", disse ela. "Eu não sabia de nada. Alec talvez soubesse, mas se ele sabia algo, nunca me disse."

"O que te faz pensar que seu marido soubesse de alguma coisa?"

"Alec sempre ia a fundo o máximo que pudesse," ela disse, com um sorriso tímido e reminescente. "Ele era um homem de negócios muito bem sucedido, você sabe."

"Mas ele nunca lhe disse nada sobre a primeira família de Lula?"

"Ah não, ele não teria feito isso." Ela parecia achar isso uma sugestão estranha. "Eu queria que ela fosse minha, só minha, sabe. Alec ia querer me proteger, se ele soubesse alguma coisa. Eu não poderia suportar a ideia de que alguém lá fora podia vir e quere-la algum dia. Eu já tinha perdido Charlie, e eu queria tanto ter uma filha; a ideia de também perdê-la..."

A enfermeira voltou com uma bandeja com dois copos sobre ela e um prato de *bourbons* de chocolate.

"Um café", ela disse alegremente, colocando-o ao lado de Strike na mesa de cabeceira mais próxima, "e um chá de camomila."

Ela se apressou novamente. Lady Bristow fechou os olhos. Strike tomou um gole de café preto e disse:

"Lula foi à procura de seus pais biológicos no ano antes de morrer, não é?"

"É isso mesmo", disse Lady Bristow, com os olhos ainda fechados. "Eu tinha acabado de ser diagnosticada com câncer."

Houve uma pausa, na qual Strike pousou o copo de café com um suave tinido, e os barulhos distantes das crianças pequenas na praça lá fora flutuaram através da janela aberta.

"John e Tony ficaram muito, muito bravos com ela", disse Lady Bristow. "Eles não achavam que ela deveria ter tentado encontrar sua mãe biológica, quando eu estava tão doente. O tumor já estava avançado quando descobriram. Eu fui direto para a quimioterapia. John foi muito bom; Ele me levava e me buscava no hospital, e veio ficar comigo durante os piores momentos, e até mesmo Tony se juntou, mas tudo que Lula parecia se importar era com..." Ela suspirou e abriu os olhos desbotados, procurando o rosto de Strike. "Tony sempre disse que ela era muito mimada. Eu ousou dizer que a culpa foi minha. Eu tinha perdido Charlie, sabe; Eu nunca achava que fazia o suficiente por ela."

"Você sabe o quanto Lula tentou descobrir sobre sua família biológica?"

"Não, eu não, eu tenho medo. Eu acho que ela sabia o quanto isso me chateava. Ela não me disse muito. Eu sei que ela encontrou a mãe, é claro, porque houve toda aquela publicidade terrível. Ela era exatamente o que Tony havia previsto. Ela nunca quis Lula. Uma mulher horrível, horrível", sussurrou Lady Bristow. "Mas Lula continuou vendo-a. Eu estava fazendo quimioterapia durante todo esse tempo. Eu perdi meu cabelo..."

Sua voz foi sumindo. Strike se sentiu, como talvez ela queria que ele percebesse, como um bruto ao pressioná-la:

"E sobre seu pai biológico? Ela lhe disse se ela tinha descoberto alguma coisa sobre ele?"

"Não", disse Lady Bristow fracamente. "Eu não perguntei. Eu tinha a impressão de que ela tinha desistido de todo o negócio uma vez que ela encontrou aquela mãe horrível. Eu não queria discutir isso, nada disso. Era muito angustiante. Eu acho que ela percebeu isso."

"Ela não mencionou sobre o pai biológico a última vez que a viu?" Strike pressionou.

"Ah, não", disse ela, com sua voz suave. "Não. Não foi uma visita muito longa, sabe. Eu lembro que ela me disse que, no momento em que ela chegou, ela não podia ficar muito tempo. Ela tinha que encontrar sua amiga Ciara Porter."

Seu senso de maus-tratos flutuava delicadamente em direção a ele como o cheiro de acamada que ela exala: um pouco mofada, um pouco madura. Algo nela lembrou Rochelle; embora elas fossem tão diferentes como duas mulheres poderiam ser, ambas exalavam o ressentimento daqueles que se sentem enganados e negligenciados.

"A senhora consegue se lembrar sobre o que conversaram naquele dia?"

"Bem, eu tinha recebido tantos analgésicos, você entende. Eu tinha passado por uma operação muito séria. Não me lembro de todos os detalhes."

"Mas se lembra de Lula vindo vê-la?", perguntou Strike.

"Ah, sim", disse ela. "Ela me acordou, eu estava dormindo."

"Consegue se lembrar sobre o que conversaram?"

"Minha operação, é claro", ela disse, com apenas um toque de aspereza. "E então, um pouco, sobre seu irmão mais velho."

"O irmão mais velho...?"

"Charlie", disse Lady Bristow, lamentavelmente. "Eu contei a ela sobre o dia em que ele morreu. Eu nunca tinha realmente falado com ela sobre isso antes. O pior, pior dia da minha vida."

Strike podia imaginá-la, curvada e um pouco grogue, mas não menos ressentida com tudo aquilo, segurando a filha desinteressada ao seu lado falando sobre sua dor, e seu filho morto.

"Como eu poderia saber que essa seria a última vez que eu iria vê-la?" expirou Lady Bristow. "Eu não sabia que estava prestes a perder um segundo filho."

Seus olhos vermelhos cheios. Ela piscou, e duas lágrimas grandes caíram sobre suas bochechas ocas.

"Você poderia, por favor, olhar na gaveta", ela sussurrou, apontando um dedo murcho para a mesa de cabeceira, "e pegar minhas pílulas?"

Strike abriu e viu muitas caixas brancas no interior, de tipos variados e com várias etiquetas sobre eles.

"Qual...?"

"Não importa. São todos do mesmo," disse ela.

Ele pegou uma caixa; estava claramente marcado Valium. Ela tinha o suficiente lá para ter uma overdose dez vezes.

"Se você pudesse retirar um par para mim", disse ela. "Vou toma-los com um pouco de chá, se estiver frio o suficiente."

Ele entregou-lhe os comprimidos e a xícara; as mãos dela tremiam; ele teve que apoiar o pires e então pensou, de forma inadequada, em um padre oferecendo a comunhão.

"Obrigado", ela murmurou, descansando de volta nos travesseiros quando ele colocou o chá sobre a mesa, e fixando-o com os olhos melancólicos. "John me disse que você conhecia Charlie, não?"

"Sim, eu o conhecia", disse Strike. "Eu nunca me esqueci dele."

"Não, claro que não. Ele era a criança mais adorável. Todo mundo sempre disse isso. O menino mais doce, o mais doce que eu já conheci. Sinto falta dele todos os dias."

Janela afora, as crianças gritavam, e os plátanos farfalhavam e Strike pensou de como o quarto pareceria em uma manhã de inverno meses atrás, quando as árvores estavam secas, quando Lula Landry tinha sentado onde ele estava sentado, talvez com seus belos olhos fixado na imagem de um Charlie morto enquanto sua mãe grogue contava a história horrível.

"Eu realmente nunca tinha falado com Lula sobre isso antes. Os meninos tinham saído em suas bicicletas. Ouvimos John gritando, e, em seguida, Tony gritando, gritando..."

A caneta de Strike não tinha feito contato com o papel ainda. Ele observou o rosto da mulher quase morta enquanto ela falava.

"Alec não me deixava olhar, não me deixava ficar em nenhum lugar perto da pedreira. Quando ele me disse o que tinha acontecido, eu desmaiei. Eu pensei que iria morrer. Eu queria morrer. Eu não conseguia entender como Deus poderia ter deixado isso acontecer."

"Mas, desde então, eu comecei a pensar que talvez eu merecesse tudo isso", disse Lady Bristow distante, os olhos fixos no teto. "Eu me pergunto se estou sendo punida. Porque eu os amava muito. Eu os estraguei. Eu não conseguia dizer não. Charlie, Alec e Lula. Eu acho que deve ser o castigo, porque caso contrário, seria indiscutivelmente cruel, não é? Me fazer passar por isso de novo, e de novo, e de novo. "

Strike não tinha resposta para dar. Ela clamava pena, mas ele percebeu que não podia ter pena, mesmo que, talvez, ela merecesse. Ela estava morrendo, envolta em mantos invisíveis de martírio, apresentando sua impotência e passividade a ele como adornos, e seu sentimento dominante era desgosto.

"Eu queria tanto a Lula", disse Lady Bristow, "mas eu não acho que ela... Ela era uma coisinha querida. Tão bonita. Eu teria feito qualquer coisa para aquela menina. Mas ela não me amava do jeito que Charlie e John me amavam. Talvez fosse tarde demais. Talvez a pegamos tarde demais.

"John estava com ciúmes quando ela chegou pela primeira vez. Ele estava devastado por causa de Charlie... mas eles acabaram sendo amigos muito próximos. Muito próximos."

Uma pequena ruga amassava a pele de papel fino de sua testa.

"Então Tony estava completamente errado."

"Sobre o que ele estava errado?", perguntou Strike calmamente.

Seus dedos se contraíram em cima das cobertas. Ela engoliu em seco.

"Tony não achava que deveríamos ter adotado a Lula."

"Por que não?", perguntou Strike.

"Tony nunca gostou de nenhum dos meus filhos", disse Yvette Bristow. "Meu irmão é um homem muito duro. Muito frio. Ele disse coisas terríveis após a morte de Charlie. Alec bateu nele. Não era verdade... não era verdade o que Tony dizia."

Seu olhar deslizou para o rosto de Strike, e ele pensou ter vislumbrado a mulher que ela devia ter sido quando tinha boa aparência: um pouco carente, um pouco infantil, muito dependente, uma criatura ultra feminina, protegida e cuidada por Sir Alec, que se esforçou para satisfazer todos os seus caprichos e desejos.

"O que Tony disse?"

"Coisas horríveis sobre John e Charlie. Coisas terríveis. Eu não...", ela disse fracamente, "quero repeti-las. E então ele ligou para Alec, quando soube que estávamos adotando uma menina, e lhe disse que não devíamos fazer isso. Alec ficou furioso", ela sussurrou. "Ele proibiu Tony em nossa casa."

"Você disse a Lula tudo isso quando ela a visitou naquele dia?", Perguntou Strike. "Sobre Tony, e as coisas que ele disse depois que Charlie morreu; e quando a adotou?"

Ela parecia sentir uma repreensão.

"Eu não me lembro exatamente o que eu disse a ela. Eu tinha acabado de passar por uma operação muito séria. Eu estava um pouco sonolenta devido aos remédios. Agora eu não me lembro exatamente o que eu disse... "

E então, com uma mudança abrupta de assunto:

"Aquele menino me fazia lembrar de Charlie. O namorado de Lula. O menino muito bonito. Qual é o nome dele?"

"Evan Duffield?"

"Isso. Ele veio me ver há pouco tempo, sabe. Muito recentemente. Eu não sei exatamente... eu perco a noção do tempo. Eles me dão tantos remédios agora. Mas ele veio me ver. Foi tão doce da parte dele. Ele queria falar sobre Lula. "

Strike lembrou-se da afirmação de Bristow de que sua mãe não sabia quem era Duffield, e ele se perguntou se Lady Bristow jogava com o filho; fazendo de conta ser mais confusa do que realmente era, para estimular seus instintos protetores.

"Charlie seria bonito como ele, se estivesse vivo. Ele poderia ter sido um cantor ou ator. Ele adorava aparecer, você se lembra? Eu me senti muito triste por aquele menino Evan. Ele chorou aqui, comigo. Ele me disse que pensava que ela estava se encontrando com outro homem".

"Quem era o outro homem?"

"O cantor", disse Lady Bristow vagamente. "O cantor que tinha escrito músicas sobre ela. Quando você é jovem e bonita você pode ser muito cruel. Eu me senti muito triste por ele. Ele me disse que se sentia culpado. Eu disse que ele não tinha nada pelo quê se sentir culpado".

"Por que ele disse que se sentia culpado?"

"Por não ter a seguido até o apartamento. Por não estar lá para impedi-la de morrer."

"Se pudéssemos voltar por um momento, Yvette, até o dia antes da morte de Lula..."

Ela olhou com reprovação.

"Eu tenho medo que não possa me lembrar de mais nada. Eu já lhe disse tudo o que eu lembro. Eu tinha acabado de sair do hospital. Eu não era eu mesma. Eles tinham me dado tantas medicações para a dor."

"Eu entendo. Eu só queria saber se você se lembra do seu irmão, Tony, visitar você naquele dia?"

Houve uma pausa, e Strike viu algo endurecer no rosto enfraquecido fraco.

"Não, eu não me lembro de Tony ter vindo", disse Lady Bristow finalmente. "Eu sei que ele diz que estava aqui, mas eu não me lembro dele aqui. Talvez eu estivesse dormindo."

"Ele alega ter estado aqui quando Lula estava te visitando", disse Strike.

Lady Bristow deu uma encolhida menor dos ombros frágeis.

"Talvez ele estivesse aqui", ela disse, "mas eu não me lembro." E então, erguendo a voz, "Meu irmão tem sido muito mais agradável comigo agora que ele sabe que eu estou morrendo. Ele me visita muito agora. Sempre me envenenando contra John, é claro. Ele sempre fez isso. Mas John sempre foi muito bom para mim. Ele tem feito coisas para mim enquanto estou doente... coisas que nenhum filho deveria ter que fazer. Teriam sido coisas mais apropriadas para Lula fazer... mas ela era uma menina mimada. Eu a amava, mas ela podia ser egoísta. Muito egoísta."

"Então naquele último dia, a última vez que viu Lula...", disse Strike, retornando obstinadamente ao ponto principal, mas Lady Bristow o cortou.

"Depois que ela saiu, eu estava muito triste", disse ela. "Muito chateada, de fato. Falar sobre Charlie sempre me deixa assim. Ela podia ver como eu estava angustiada, mas ela ainda assim foi se encontrar com a amiga. Eu tinha de tomar pílulas, e eu dormi. Não, eu nunca vi Tony. Eu não vi ninguém. Ele pode dizer que estava aqui, mas eu não me lembro de nada até que John me acordou com uma bandeja de jantar. John estava zangado. Ele me advertiu".

"Por quê?"

"Ele acha que eu tomo comprimidos demais", disse Lady Bristow, como uma garotinha. "Eu sei que ele quer o melhor para mim, pobre John, mas ele não percebe... ele não poderia... Eu tive tanta dor na minha vida. Ele sentou-se comigo por um longo tempo naquela noite. Falamos sobre Charlie. Conversamos até as primeiras horas da manhã. E enquanto nós estávamos conversando...", disse ela, baixando a voz para um sussurro, "no exato momento em que estávamos falando, Lula caiu... ela caiu da varanda".

"Então foi John que teve que dar a notícia para mim, na manhã seguinte. A polícia tinha chegado à porta, ao romper da aurora. Ele entrou no quarto para me dizer e..."

Ela engoliu em seco e balançou a cabeça, mole, quase morta.

"É por isso que o câncer voltou, eu sei disso. As pessoas não podem suportar tanta dor."

Sua voz estava ficando mais arrastada. Ele se perguntou quanto Valium ela já tinha tomado quando ela fechou os olhos, sonolenta.

"Yvette, tudo bem se eu usasse seu banheiro?", perguntou.

Ela concordou com um aceno de cabeça sonolento.

Strike levantou-se e moveu-se rapidamente de forma surpreendente calma para um homem de sua massa em direção à porta do closet.

O espaço era forrado com portas de mogno que chegavam até o teto. Strike abriu uma das portas e olhou para dentro, corrimões cheios de cabides de vestidos e casacos, com uma prateleira de bolsas e chapéus acima, respirando o cheiro de mofo de sapatos velhos e tecido que, apesar da opulência evidente dos conteúdos, evocava uma loja de caridade antiga. Silenciosamente, ele abriu e fechou porta a porta, até que, na quarta tentativa, ele viu um aglomerado de bolsas claramente novas, cada uma de uma cor diferente, que tinham sido espremidas na prateleira alta.

Ele tirou a azul, nova e brilhante. Aqui havia o logotipo de GS, e dentro da bolsa um forro de seda. Ele correu os dedos em torno dele, em cada canto, em seguida, recolocou-a primorosamente na prateleira.

Em seguida ele escolheu a bolsa branca: o revestimento era modelado com uma estilizada impressão africana. Mais uma vez ele passou os dedos em todo o interior. Ele abriu o forro.

Então o forro saiu, assim como Ciara havia descrito, como um cachecol laminado, expondo o interior áspero do couro branco. Nada era visível dentro até que ele olhou mais de perto, e então viu a linha de azul pálido correndo pelo lado do retângulo rígido coberto de pano segurando a base da forma da bolsa. Ele levantou a borda e viu, por baixo, um pedaço de papel azul pálido dobrado, todo rabiscado por uma mão descuidada.

Strike colocou rapidamente a bolsa com o forro empacotado dentro na prateleira, e tirou de um bolso interno da jaqueta um saco plástico transparente, em que ele inseriu o papel azul pálido, meio aberto, mas não lido. Ele fechou a porta de mogno e continuou abrindo outras. Atrás da penúltima porta havia um cofre, operado por um teclado digital.

Strike pegou um segundo saco plástico de dentro de sua jaqueta, deslizou-o sobre sua mão e começou a pressionar as teclas, mas antes que ele havia completado sua tentativa, ele ouviu um movimento do lado de fora. Apressadamente empurrando o saco amassado de volta no bolso, ele fechou a porta do armário o mais silenciosamente possível e caminhou de volta para o quarto, para encontrar a enfermeira Macmillan inclinando Yvette Bristow. Ela olhou em volta quando o ouviu.

"Porta errada", disse Strike. "Eu pensei que era o banheiro."

Ele entrou no pequeno privativo, e aqui, com a porta fechada, antes de dar a descarga do vaso sanitário e ligar as torneiras em detrimento da enfermeira, ele leu o último testamento de Lula Landry, rabiscado no papel de escrita de sua mãe e testemunhado por Rochelle Onifade.

Yvette Bristow ainda estava deitada com os olhos fechados quando ele voltou para o quarto.

"Ela está dormindo", disse a enfermeira, gentilmente. "Ela faz muito isso."

"Sim", disse Strike, o sangue pulsando em seus ouvidos. "Por favor, diga a ela que eu me despedi, quando ela acordar. Eu vou ter que ir agora."

Eles caminharam juntos pelo confortável corredor.

"Lady Bristow parece muito doente," Strike comentou.

"Ah, sim, ela está", disse a enfermeira. "Ela poderia morrer a qualquer momento. Ela está muito mal".

"Eu acho que devo ter deixado o meu...", disse Strike vagamente, indo à esquerda na sala de estar amarela que ele tinha estado em primeiro lugar, inclinando-se sobre o sofá para bloquear a visão da enfermeira e substituindo cuidadosamente o receptor do telefone que ele tinha tirado do gancho.

"Sim, aqui está", disse ele, fingindo apalpar algo pequeno e colocá-lo no bolso. "Bem, muito obrigado pelo café."

Com a mão na porta, ele se virou para olhar para ela.

"A dependência dela de Valium é pior do que nunca, então?", disse.

Sem duvidar, confiando, a enfermeira deu um sorriso tolerante.

"Sim, é, mas ele não pode feri-la agora. Imagine," ela disse, "Eu daria aos médicos um pedaço da minha mente. Três deles dando-a receitas por anos, a partir das etiquetas nas caixas".

"Muito pouco profissional", disse Strike. "Obrigado mais uma vez pelo café. Tchau."

Ele saiu escada abaixo, o celular já fora do bolso, de modo eufórico que ele não se concentrou em onde estava indo, de modo que pegou num canto na escada e soltou um grito de dor quando o pé protético escorregou na beira, seu joelho torceu e ele caiu duro e pesado, seis degraus abaixo, caindo em um amontoado na parte inferior com uma dor excruciante, tanto na articulação quanto no final de seu toco, como se estivesse recém-cortado, como se a cicatriz do tecido ainda estivesse se curando.

"Merda. Merda"!

"Você está bem?", gritou a enfermeira Macmillan, olhando para ele ao longo dos corrimões, com o rosto comicamente invertido.

"Eu estou bem, bem!", Ele gritou de volta. "Eu cai! Não se preocupe! Merda, merda, merda", ele gemeu baixinho, quando se pôs de pé segurando no corrimão, com medo de colocar seu peso sobre a prótese.

Ele mancou pelos outros degraus, apoiando-se no corrimão, o quanto era possível; Ele mancou para baixo, apoiando-se no corrimão o máximo possível; pulando um pouco pelo saguão e se pendurando na porta da frente enquanto manobrava o corpo para a escada da entrada.

As crianças esportistas foram recuando em uma distante fila, pálida e azul marinho, serpeando o caminho de volta à escola e ao almoço. Strike estava encostado no tijolo aquecido, amaldiçoando-se fluentemente e se perguntando o dano que ele tinha causado. A dor ali era insuportável, e a pele que já havia sido irritada parecia que ter sido arrancada; ardia debaixo do enchimento de gel que estava para protegê-lo, e a ideia de andar todo o caminho até o metro era miseravelmente desagradável.

Ele sentou-se no degrau mais alto e ligou para um táxi, depois fez uma nova série de ligações, em primeiro lugar, Robin, em seguida, para Wardle, depois, para os escritórios de Landry, May, Patterson.

O táxi preto virou a esquina. Pela primeira vez, ocorreu a Strike como carros funerários em miniatura eram, estes veículos pretos imponentes, enquanto ele se pôs em pé e mancou, com dores crescentes, até a calçada.